

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL-CDS
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL JUNTO A POVOS E
TERRAS TRADICIONAIS – MESPT

Wato ne hômpu ne kãmpa

Convivo, vejo e ouço a vida *Mehi (Mãkrarè)*

Creuza Prumkwyj Krahô

Brasília, DF, maio de 2017

Creuza Prumkwyj Krahô

Wato ne hômpu ne kâmpa

Convivo, vejo e ouço a vida *Mehi* (*Mãkrarè*)

Dissertação de Mestrado
Profissional em Sustentabilidade
junto a Povos e Territórios
Tradicionais - MESPT, do Centro
de Desenvolvimento Sustentável
da Universidade de Brasília.

Orientadora:
Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães

Brasília, DF, maio de 2017

Creuza Prumkwyj Krahô

Wato ne hômpu ne kãmpa
Convivo, vejo e ouço a vida *Mehi* (*Mãkrarè*)

Dissertação de Mestrado
Profissional em Sustentabilidade
junto a Povos e Territórios
Tradicionais - MESPT, do Centro
de Desenvolvimento Sustentável
da Universidade de Brasília.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Sílvia Maria Ferreira Guimarães
Orientadora (Presidente da banca)

Prof. Dr. Julio Cezar Melatti/UnB
Membro externo

Profa. Dra. Fabiene de Moraes Vasconcelos Gama/UnB
Membro externo

Profa. Dra. Lúcia Alberta Baré
Membro externo

Profa. Dra. Mônica Celeida Nogueira/UnB
Membro interno (Suplente)

Brasília, DF, maio de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho ao povo
Krahô, aos jovens e velhos
Krahô que sobrevivem aos
massacres cotidianos que
querem silenciá-los.

Agradecimentos

Aos meus estudantes Krahô. Aos velhos e velhas Krahô que me orientaram neste trabalho. E a todos os Krahô que me ajudaram nesta pesquisa, especialmente, *Tejapoc* e *Ahkrakwuj*. A minha família e meu companheiro que acreditaram em mim. Aos professores que fizeram parte da minha formação, especialmente a minha orientadora, Sílvia Guimarães. Agradeço à colega Verônica Aldé, Txaprit, todo o apoio que me deu ao longo deste mestrado. Aos meus colegas do Mespt que me ensinaram sobre outras formas de viver que eu não conhecia. Foram momentos difíceis que consegui superar com o auxílio dos meus colegas indígenas, quilombolas e *cupen*.

SUMÁRIO (primeira parte)

1) Introduzindo o tema: problemas e perspectivas	6
1.1) Compreendendo a partir de alguns textos	9
1.2) Oi de casa! Oi de fora! Entre, com licença	12
2) Metodologia - Wamã mõi ampo já krepej xanã – Estou indo conhecer-pesquisar	15
2.1) O que estudei	15
2.2) Qual a importância do estudo	15
2.3) Como pesquisei	16
3) O Povo Krahô	19
4) Bibliografia	23

SUMÁRIO das Cabaças (segunda parte)

1) Introduzindo o tema: problemas e perspectivas

Ao longo da vida, a pessoa Krahô deve realizar muitos resguardos, entendido aqui como práticas de cuidado com o seu corpo, a maneira correta de viver, de se alimentar, manter relações sexuais, planejar filhos, realizar suas atividades diárias que devem seguir regras para que a pessoa se fortaleça, ou seja, fortaleça seu corpo e não fique doente. Se a pessoa não faz o resguardo, ela não saberá mais quem ela é, não terá memória, pois para guardar os ensinamentos e o jeito certo de ser Krahô, a pessoa tem que viver, ouvir, praticar, falar, compartilhar. Esse conhecimento não está nos livros.

Não há escrita entre os Krahô, então, para repassar o conhecimento sobre os cuidados no resguardo, a pessoa deve se envolver em fazer ou viver o resguardo. Essa é a forma de guardar no corpo, na pessoa, a sua memória, quem você é, quem é seu povo. A pessoa tem que viver e viver entre os Krahô é compartilhar o conhecimento dos antepassados. Seeger et. al. (1979) tratou da importância do corpo para os povos indígenas e dos rituais criados para se ter o cuidado com o corpo e assim se tornar uma pessoa completa.

Muitas mudanças aconteceram e, ainda, estão acontecendo na vida dos Krahô, o problema está quando essas mudanças acabam por anular o conhecimento Krahô e impõem outras formas de conhecer o mundo. Hoje, nas aldeias Krahô, há escolas e a escrita na língua Krahô, que estão auxiliando e criando uma nova maneira de fazer o registro desse conhecimento Krahô. Nesse movimento, as crianças e jovens estão conhecendo o mundo dos não-indígenas. Os Krahô acreditam que a escola deve caminhar ao lado da maneira Krahô de repassar conhecimento. Mas, deve-se ter cuidado para que o tempo-espaço da escola não entre em conflito com o modo de ser e viver Krahô. Percebe-se que, atualmente, a maneira como a escola funciona e sua dinâmica de ensino estão retirando os jovens desse espaço-tempo Krahô. A escola tem uma lógica não-indígena que foi imposta e isso está sendo problematizada pelos professores indígenas.

Para amenizar essa outra lógica, os professores Krahô estão pensando em dividir o ano letivo entre: cinco meses de aula com professores não-indígenas, os quais dão matérias em português e sete meses de aula ministradas pelos Krahós na língua Krahô, que envolveriam as crianças e jovens na música, na história, em atividades de subsistência (caçada, fazer roça, pescaria), em acampamentos no mato para conhecer o mundo Krahô. Inserir a escola nessas atividades que estão sendo perdidas e afetadas pela escola seria uma maneira de conjugar a dinâmica da vida Krahô com a escola. A idéia de ter sete meses com os professores indígenas Krahô surgiu de uma tentativa dos professores de conjugar o tempo-espaço da escola com a maneira como os Krahô repassam conhecimento e reinseri-los na dinâmica de aprendizado

Krahô com uma participação intensa dos velhos e das velhas. Os professores sabem que o ano letivo deve ser cumprido para se ter a formação escolar que o estado do Tocantins exige, mas a questão é como fazer isso funcionar nas “mãos” dos Krahôs, isto é, a partir do jeito Krahô de ser. A maneira como a escola está estruturada força os professores indígenas a ficarem dentro da sala de aula e cumprirem um programa de aula imposto pelo estado do Tocantins. Desde 1992, a escola vem retirando as crianças e jovens das vivências e sociabilidades Krahô. Isso é um elemento que vem fazendo com que os resguardos e cuidados com o corpo sejam esquecidos. A escola é um direito conquistado pelo povo Krahô e não deve ser usada como uma forma de violentá-los em seu território. Vale ressaltar que essa mudança na maneira da escola atuar é uma iniciativa dos professores indígenas Krahô e ainda está em discussão.

A saúde em área indígena como está estruturada, também, não se encaixa na lógica Krahô ou com respeito a essa lógica. Um dos problemas é ter somente a figura do agente indígena de saúde (AIS) e nenhum outro profissional indígena, o qual poderia ter maior possibilidade de atuar e modificar a rotina de trabalho. Sem o enfermeiro ou médico indígena, os profissionais de saúde não entendem ou respeitam os Krahô. Essa é a realidade que vigora em área com algumas pequenas exceções de profissionais “abertos” para o diálogo. Assim, os profissionais de saúde não levam em consideração as práticas de cuidado dos pajés. Por exemplo, eles não esperam o pajé “ver” a pessoa em processo adoecimento e “atuar”, insistem que a pessoa deve ser deslocada para a cidade e ser atendida por um médico. Isso tudo acontece dentro do território indígena, desqualificando uma das maiores autoridades Krahô. Às vezes, o médico não tem o conhecimento de tudo. A pessoa fica muito tempo no hospital e eles não deixam o pajé entrar nesse ambiente e não deixam a pessoa voltar para a aldeia quando não quer mais se submeter ao processo de hospitalização.

Há uma insistência em levar a pessoa ao hospital e quando está no hospital é difícil controlar o retorno, mesmo se a pessoa quer voltar para casa. Não há participação dos Krahô no tratamento que está sendo realizado. Não deixam os Krahô levarem remédios feitos por eles para o hospital. O problema está na falta de diálogo e possibilidade de participação dos Krahô no tratamento. Não há o respeito às práticas de cuidado dos Krahô e a escolha dos Krahô sobre como se cuidarem. Não respeitam o pajé que conhece vários tipos de adoecimentos e o movimento do corpo da pessoa em seu ciclo de vida. Na aldeia, o pajé acompanha a pessoa que adocece e realiza procedimentos terapêuticos que o médico desconhece, os profissionais de saúde não acreditam no pajé e não o respeitam. No atual cenário, é possível afirmar que a maioria das pessoas que atua na saúde indígena entre os Krahô está indo contra a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, de 2006,

que afirma que devem ser respeitadas as práticas tradicionais de saúde e essas devem ser articuladas com os serviços oficiais. Além disso, acabam por tutelar os Krahô quando querem decidir sobre o melhor tratamento para a pessoa e o impõe. Tratam os Krahô como se fossem crianças, não respeitando suas decisões e escolhas, decidindo pela vida deles.

O desrespeito ao meu povo aparece, também, em casos presenciados por mim quando os profissionais de saúde em seu poder exclusivo de tomada de decisão não levam uma pessoa que precisa ir ao hospital, abandonando-a doente e deixando-a morrer. Presenciei um caso de um velho Krahô que foi abandonado na balsa pelo carro da saúde e morreu neste local. Outro problema vivenciado dentro do território Krahô acontece quando esses profissionais deveriam estar acompanhando uma pessoa que retornou do tratamento, mas é possível observar o descaso, quando não realizam o cuidado diário e cotidiano com a pessoa, não a acompanham em área, não observam a evolução do tratamento.

Tanto o direito à educação quanto o direito à saúde dos povos indígenas foram conquistas dos povos indígenas que não estão sendo efetivadas devidamente e que acabam por acontecer em processos de trabalhos extremamente violentos e racistas no território indígena. Nas cidades, quando estão nos serviços de saúde dos municípios, também, os Krahô sofrem com o desrespeito e descaso.

A Terra Indígena Krahô tem problemas, atualmente, em seu entorno com a presença de plantações de soja e eucalipto que estão muito próximas e podem impactar nas matas, rios e roças dentro do território. Além dos animais, os próprios Krahô podem sofrer com a presença dessas grandes plantações. Muitas práticas de transmissão de conhecimento, especialmente do universo masculino, acontecem quando homens crianças, jovens e velhos fazem caminhadas e acampamentos no cerrado. Sem a presença desse território, esses conhecimentos estão ameaçados.

A vida na cidade pode ser um problema para os Krahô, especialmente devido ao abuso no consumo da bebida alcoólica, os Krahô precisam encontrar um limite, que acredito está no fortalecimento do conhecimento Krahô que deve ser vivido para ser aprendido por esse povo. Por isso, a importância de se fazer os resguardos. Os problemas que os Krahô enfrentam levam as pessoas a beberem. A cidade atrai com a bebida. Por exemplo, um acidente de caminhão onde estavam vários Krahô aconteceu porque o motorista, enviado pelo município de Tacajá, havia ingerido bebida alcoólica. Ocorreram várias mortes e sequelas. Isso foi um evento traumático e muito pouco foi feito para restabelecer a vida dos sobreviventes. Muitas famílias sofreram com as perdas, se desestruturaram e retornar à rotina anterior está sendo

difícil. O município responsável pelo envio desse motorista não fez nada para apoiar os sobreviventes.

As perdas de entes queridos, a pressão por ter uma vida de branco, mas, ao mesmo tempo, não serem aceitos pelos brancos levam os Krahô a uma situação limite. O espaço na cidade para os Krahô é a “rua”, eles vivem embaixo das árvores, passam o tempo no bar e com isso, quando estão na cidade, eles são mal vistos. Há muito preconceito contra o modo de vida Krahô e com os Krahô. E na cidade, o espaço dado aos Krahô é a violência.

Esses são problemas graves que acabam impossibilitando os Krahô de viverem seu conhecimento e cuidado com a vida, que está sendo denominado aqui de resguardo.

1.1) Compreendendo a partir de alguns textos

O texto de Paulo Freire (1983) toca nesses problemas, quando explica que as novas tecnologias podem surgir como uma “invasão cultural”, se dizem modernas e vão contra o conhecimento dos povos que convivem naquele ambiente e conhece a riqueza natural. As pessoas que estudam fora da comunidade conhecem novas técnicas, mas que podem não ser eficazes ou boas para aquele local e podem destruir a natureza, as frutas, água etc. Destroí com tudo que o povo conhece e conviveu a vida toda.

Seguindo o argumento de Freire (1983), o problema está quando os “técnicos”, detentores desse conhecimento moderno, como os profissionais de saúde e educadores no território Krahô, não querem ouvir e “estragam” o pensamento do outro, do que o outro entende. “Invade” o pensamento e a vida do outro e impõe outras tecnologias como, por exemplo, trator, escavadeira etc, que destroem as plantas, a terra, o ar e causam erosão. Não sabem que a terra também sente dor como pensa o povo Krahô. E, também, esses técnicos podem impor uma escola, um posto de saúde ou um hospital.

Mas, o povo pensa: será que é bom para a comunidade essa nova tecnologia? Por sua vez, o técnico chega sem ouvir a comunidade e atua com a nova tecnologia “estragando”, ou melhor, anulando, primeiro, a memória das pessoas, os pensamentos das pessoas, que sempre viveram com aquela natureza, depois segue “estragando”, ou melhor, destruindo a natureza, as plantas, a terra, o ar, os animais com essas novas tecnologias e até “estragam” as pessoas, realizando um etnocídio, isto é, o fim de racionalidades, práticas e saberes de grupos sociais.

O técnico tem que chegar e conversar com a comunidade e ver se o que ele aprendeu lá, “fora”, em outro contexto, será bom para eles, para o povo que o técnico está indo visitar ou trabalhar. Ele tem que ouvir o povo, principalmente, as pessoas que trabalham na roça para saber como ele pode ajudar quem convive na comunidade com o estudo que ele aprendeu.

Então, se ele vai levar o trator, ele deve explicar qual estrago o trator pode fazer. A pessoa que trabalha com o facão, enxada e com o fogo, ela sabe o estrago da sua tecnologia. O técnico tem que dizer como as novas técnicas fazem o estrago, como, por exemplo, é o trator, ele tem que explicar o que estudou e falar. Não pode “estragar” o pensamento da comunidade, tem que captar o pensamento da comunidade para ele também. Ele faz uma boa ou má comunicação com a comunidade, a depender se ele irá usar a tecnologia dele da maneira como ele aprendeu ou a tecnologia do conhecimento da pessoa que mora no local, na área preservada.

Por exemplo, vou explicar como o técnico entra na aldeia indígena Krahô. Ela vai até o meu povo, e acha que os indígenas não têm tecnologia, comem só folha, planta, vive de mato e não sabe trabalhar a terra, não tem tecnologia. No entanto, os indígenas e outros povos têm tecnologia para lidar com a terra, plantar roça, saber comer frutas, coletar as frutas e outros produtos da floresta. Alguns não-indígenas criticam os indígenas dizendo que eles são preguiçosos, mas, na verdade, o indígena convive com a natureza e sabe o que é o recurso natural para ele e sabe como trabalhar ou conhecer a mata. O não-indígena pensa na terra como dinheiro, em fazer dinheiro, mas o indígena quer a terra e usa a terra para viver e preservar porque é um recurso que ele tem e que não pode viver sem esse recurso. O bom técnico que faria a educação libertadora tem que saber desse conhecimento local, que cada lugar tem sua realidade, indígena, quilombola, pomerano ou de outra comunidade.

Por causa das várias mudanças que vêm ocorrendo, o conhecimento Krahô pode desaparecer junto com os velhos e velhas. A convivência e respeito entre gerações estão se perdendo. E a transformação da vida Krahô está indo no sentido de negá-la, queremos uma transformação que não anule o modo de ser, pensar e viver dos Krahô. A introdução de novas tecnologias sem negociação dos Krahô, sem uma ação libertadora como propõe Paulo Freire está sendo um problema para os Krahô.

Voltando ao tema da escola e serviços de saúde nas terras indígenas, é possível observar esses como tecnologias ou ferramentas que violentam o povo Krahô em seu território. No direito à educação e à saúde, pode-se afirmar que esses foram conquistados pelos povos indígenas para acontecer na Terra Indígena e impedir o deslocamento e distanciamento da criança, do jovem indígena de sua família e de seu território. Assim, por exemplo, foi pensada uma escola diferenciada como um espaço de interculturalidade. No entanto, esse espaço para uma aprendizagem que possa incentivar os jovens a aprender e respeitar os saberes dos seus povos não se concretiza na Terra Indígena Krahô. Mas, observa-se a escola distanciando o jovem Krahô do conhecimento ou saberes de seu povo.

Para ir contra esse movimento, os professores indígenas Krahô colocaram para si o desafio de elaborar materiais didáticos próprios e materiais que ajudem a educar o *Cupen* (não-indígena) sobre o modo de viver Krahô. Tenho experimentado essa construção de metodologias próprias há alguns anos junto à Comissão de Professores Timbira. O material que será produzido e sistematizado neste mestrado, auxiliará na construção de uma dinâmica pedagógica própria. Nesse movimento de não deixar de ser Krahô, o nosso entendimento sobre o que é sustentabilidade será construído e vai além do meio ambiente, mas envolve os saberes, as práticas, os rituais de um povo que devem acontecer em seu território. Sem isso, os Krahô correm o risco de perder seu conhecimento. A todo o momento o jovem Krahô está sendo exposto a tecnologias que o negam, assim, hoje, a maioria não quer cantar, ir pra roça. Atualmente, a situação dos povos indígenas está “desmoronando” por conta dos desrespeitos a que são submetidos e suas conquistas. Por sua vez, os indígenas precisam compreender essa ameaça de “desmoronamento” do conhecimento indígena.

A educação é importante para auxiliar no processo de conhecimento do mundo *Cupen*, dos direitos que os indígenas têm como cidadãos brasileiros. Os indígenas precisam conhecer o seu espaço como cidadão brasileiro, quais são seus direitos e deveres. E eles têm que saber lutar por seus direitos, pois os governos também tiraram dos indígenas o pleno exercício dos seus direitos e podem mudá-los, não se pode ter ilusões com esse espaço da vivência dos direitos, mas sim, ter consciência de que é um contexto de luta diária. Por isso, é preciso conhecer os nossos direitos e os caminhos trilhados para conquistá-los e efetivá-los. É preciso conhecer a legislação que trata dos povos indígenas e o espaço da escola deve ser uma local onde seja possível fazer essas discussões e aprendizado.

Nesse contexto da escola, o indígena tem que viver um completo conhecimento, se ele não sabe sobre essa complexidade, ele estará incompleto. É necessário dominar os saberes indígenas e os não-indígenas. Assim, se faz o movimento da aldeia a partir da complexa interação entre esses dois mundos que estão entrelaçados na vida dos Krahô. Conhecer ambos deve ser um processo que deve acontecer conjuntamente e deve estar “nas mãos” dos Krahô, pois somente assim será possível conter os abusos com álcool, a vida perigosa que os Krahô vivem nas cidades.

O professor indígena é um agente-chave neste processo e deve também se aperfeiçoar para aprender a sua própria cultura. O professor não-indígena deve estar ciente da importância desse processo para os Krahô. Assim, a escola, deve ser um espaço de pesquisa. Entre os Krahô, os saberes estão com os sábios: os/as chefes da casa, pajés, cantores/as,

mensageiros, chamadores, corredores. Os jovens precisam se interessar em buscar o conhecimento junto com os sábios e os professores devem ser incentivadores desse processo.

Os jovens precisam se movimentar, pois os conhecimentos são repassados às gerações a partir da participação e interesse intergeracional. Isso significa que vivenciar o modo de vida Krahô é o que faz o indivíduo ter técnica de vida libertadora em um espaço na comunidade. Por isso, é importante trabalhar o registro e valorização desses conhecimentos para se formar ou transformar para o futuro. Por isso, este trabalho pretende aprender, registrar e divulgar esses saberes no ambiente da escola.

Mesmo diante de tantas situações de confronto em que vivemos com os não-indígenas, da pressão e discriminação com a nossa cultura que nos fez perder um pouco da cultura, ainda assim os Krahô não deixaram de ter sua identidade e sentimento de pertencimento a um coletivo.

Diante dessa situação, é possível observar os Krahô mobilizados e com o objetivo de mudar essa situação. Esta dissertação segue nessa direção ao ser uma proposta que pretende fazer uma reflexão sobre o modo de vida Krahô em meio a essas violências e apresentar esse material para a escola.

Este trabalho é uma reflexão sobre essas mudanças e analisa os resguardos e conhecimento Krahô sobre essas práticas. Isso é importante para estar na escola Krahô, para fortalecer e torná-la cada vez mais Krahô. Mas, antes de começar essa conversa, é necessário apresentar meu lugar de fala, quem sou eu e o que significa esta pesquisa para mim.

1.2) Oi de casa! Oi de fora! Entre, com licença

Eu moro no sul do Maranhão, no Estado do Tocantins, em minha aldeia somos uma população de 180 índios, é uma aldeia nova. Nasci na aldeia Galheiro, em 05 de fevereiro de 1971, ao meio dia, perto de um pé de jatobá chamado de “*tehrê*”, onde começou a minha vida sofredora neste mundo, pois não é fácil ser uma mulher indígena.

Todas as horas eu queria mamar e minha mãe queria dormir, mas ela não podia porque tinha que cuidar de mim. Queria ver eu grande, então cuidou de mim, fez os resguardos necessários e eu cresci. Tenho um metro e cinquenta e oito de altura, sou morena clara, cabelos pretos e anelados, hoje, sou uma mulher Krahô. E assim, fui criança, fui mocinha, fui ser uma mulher, mãe de três filhas lindas e, ainda, tive tempo de ter um marido, um marido muito cabeça de ouro da natureza, puro.

E assim, essa mulher foi andarilha, “caçando” uma vida melhor para sua população sem direitos de vida, sem direito de ser pessoa no mundo que vivemos,

vivendo a escapar de uma mão que apertou nosso punho. Estava e estou em busca de direitos que nossos antepassados não viveram, como o direito à educação e saúde.

Hoje, eu tenho uma vida corrida, estudei no Estado do Tocantins, fiz o magistério e terminei. Pensei que não iria mais estudar, mas, novamente uma pessoa me disse: “Vai, você consegue!” E eu falei: “Não”. Ela insistiu novamente: “Vai lá e estuda”. E eu mais uma vez fui fazer e passei na prova. E tive que deixar a minha família em nossa casa.

Peguei minha mala e saí pensando o porquê de tudo isso, deixar minhas crianças com o pai e pensando se ele ia cuidar do jeito que eu cuido. Às vezes eu chorava com muita dor no coração, tanto que me apertava como uma corda no pescoço, eu saía chorando dentro do meu coração, saía de perto das pessoas para que elas não observassem que eu estava chorando. Novamente, passei na prova da Universidade Federal de Goiás e passei 5 anos assim, nunca me acostumei, mas terminei o curso com muita coragem e aprendi muito com o sofrimento, muitas vezes sem recursos para comer nas viagens da aldeia para a cidade.

Na cidade, havia momentos que eu não comia comida boa, porque não tinha como comer, não tinha dinheiro. Eu não tinha dinheiro para comprar biscoito, nem picolé, as coisas mais baratas. Havia ocasiões que eu não tinha dinheiro, não tinha bolsa de estudo, não tinha nada, ficava só vendo meus amigos comerem. Às vezes, alguns colegas com boas intenções ofereciam: “Você quer um sorvete?” E eu: “Sim, eu aceito”. Era assim que eu convivía com meus amigos. Depois que me acostumei com eles, às vezes, ajudavam-me compartilhando quase tudo comigo. Eu fiquei muito feliz com meus amigos e amigas não-indígenas, com os *cupen*. São momentos difíceis sair de sua casa, de sua terra para estudar ou trabalhar. Como eu disse anteriormente, não há espaço na cidade para o indígena e a vida na cidade torna-se muito complicada.

Após o contato com os não-indígenas, passamos a sofrer para aprender a cultura do *cupen* (não-indígena). O mesmo parece não acontecer com muitos *cupen*, que não se interessam por nos conhecer e, assim, respeitar. Estou com muito esforço procurando entender a maneira de pensar e viver dos *cupen*. A maioria das mulheres *mehi* não fala a língua portuguesa, mas entende. Buscamos e lutamos por ter meios para aprender algo diferente, a vida dos *cupen*, mas apesar da forte presença dos *cupen* nunca devemos perder ou esquecer quem somos, somos *mehi*. Estamos lutando para aprender algo diferente, mas, apesar da mistura com os *cupen* nunca perdemos nossas maneiras de ser e viver e assim não esquecemos dos conhecimentos de ser *mehi*. Ainda temos marcado nos nossos corpos, nossas festas, cantorias, corridas, caça, pesca, as pinturas do corpo, as tranças das cestarias.

Nós somos *Mãkraré*, mas os brancos, não-indígenas, nos chamam de Krahô. E, para nós, a mulher nunca deixa sua família assim, portanto, isso tudo que estou vivendo é muito difícil. Mas, ao mesmo tempo, como foi um incentivo do marido, uma pessoa especial, e das filhas, eu tive que sair para estudar, muitas vezes chorando de minha casa, porque eu não queria deixá-los. Eles sabiam que o estudo iria me permitir ter conhecimentos importantes e necessários sobre os *cupen*.

E minha filha continuou me incentivando e dizia: “Lá vem a prova do mestrado”. As minhas filhas, além dos amigos e amigas, agora, eram as pessoas que me incentivavam, pois não era mais meu marido. Somente assim é possível deixar a comunidade com todo esse apoio do meu povo.

E cá estou aqui novamente, animada para este desafio, mais pesado para minha memória. E sofri muito, porque eu não sei muito essas palavras da língua portuguesa. Aí vem mais outra língua, o espanhol, que tenho que dominar. Estou me vendo novamente, a minha mente, nessa correria da vida. Mas, sei que isso é o melhor para minha família e comunidade Krahô. E, agora, estudando ao lado de outros povos como os quilombolas e, também, outros povos indígenas, estamos juntos. Quem precisar de minha ajuda, estarei pronta, conhecendo mais das coisas dos *cupen*.

Quero continuar estudando com o objetivo maior de ajudar meu povo, que quase não tem muito conhecimento para “fora”. Nós, *mehi*, estudamos para defender nosso povo. Alguns parentes não têm conhecimento de nossos direitos e sentem medo de serem escravizados, sentem medo dos *cupen* lhes fazerem mal, de perderem seus territórios.

Como professora, posso aprofundar os conhecimentos que temos sobre como lutar para garantir esse sentimento de segurança entre os Krahô. Isso é sustentabilidade. Quero que meus parentes se sintam seguros no meio dos *cupen*. Sou a primeira mulher Krahô a se formar em uma universidade e quero seguir meus estudos.

Fui muito criticada por ser uma mulher indígena aprendendo a língua portuguesa. Os homens Krahô falavam que eu podia acabar deixando meu jeito de ser *mehi* e levando as outras mulheres para o caminho errado. Mas, após ter vivido isso tudo, eu nunca mudei meu jeito de ser mulher guerreira no meio dos homens, sempre lutando para melhorar algumas coisas na vida da comunidade e dos Timbira do Tocantins e Maranhão. Por isso, estou sempre me esforçando no meu estudo.

Eu convivi e aprendi muito com os velhos e velhas Krahô e com a convivência compreendi as ideias boas da vida Krahô. Hoje, há poucos velhos e velhas vivos/vivas e sem eles/elas estamos perdendo muito conhecimento e por isso quero pesquisar e registrar com

equipamento e caneta o que eles/elas têm a dizer. Pretendo guardar essas memórias, valorizar o pensamento deles para o mundo. Quero continuar me informando e ampliando minha percepção para continuar meu trabalho de educadora em um sistema escolar diferenciado de verdade, quero continuar a dar aula na minha língua materna com outras metodologias e onde nosso sistema de conhecimento seja valorizado.

Diante dessa dificuldade que vivo nessas minhas andanças e sabendo da presença e importância da mulher Krahô, essas foram minhas principais interlocutoras para este trabalho. Para esta pesquisa conversei, especialmente com as velhas. Essas sofrem os efeitos de um companheiro que vai para a cidade e deixa de cumprir os resguardos, elas estão envolvidas com as crianças nas escolas e sabem dos problemas que a escola pode ser.

2) Metodologia - Wamã mō ampo já krepej xânã– Estou indo conhecer-pesquisar

2.1) O que estudei

Eu fui conhecer-pesquisar como a mulher Krahô convive com o resguardo, como ela se sente sem ou com o resguardo feito, qual a importância do resguardo para a mulher. Para isso, busquei compreender o resguardo para todos os Krahô (homem, mulher, quando se é criança, jovem, adulto, velho).

O resguardo é entendido aqui como todo cuidado na vida da pessoa e dos seus familiares, envolve saber o que comer, o que usar, como se pintar, cortar o cabelo, se pode trabalhar, pescar, correr a corrida de tora, ir para a roça, fazer sexo, tomar banho junto e o quê cantar. Envolve também cuidados em fases importantes da vida como, por exemplo, no momento de parir, menstruar, que devem ser mantidos pela pessoa-mulher, seu companheiro, seus outros filhos e seus pais. Então, é um cuidado familiar que precisa de todos da família para acontecer.

2.2) Qual a importância do estudo

Fazer este estudo foi importante para registrar esse conhecimento para as pessoas que não conhecem sobre os resguardos do povo Krahô. Principalmente, deve-se deixar para as crianças krahô, pois os mais velhos, que conhecem, estão morrendo e os mais novos não têm interesse, por isso, este trabalho pode ser um material importante nas escolas. Quero inserir o conhecimento Krahô dentro da dinâmica de estudo da escola. Esse trabalho também acaba por ser importante por ter o olhar da mulher Krahô.

Nossos saberes são cheios de conhecimento sobre o cerrado e de histórias de vidas. Acredito na necessidade de se ter estratégias para que todo esse conhecimento não se perca. Os resguardos tratam dos conhecimentos sobre o corpo, o território, os saberes. E isso tudo é importante para a escola. Desde 1994, trabalho com educação junto ao meu povo. Quero construir uma escola do jeito do povo Krahô, quer dizer, com cara Timbira. Nossa educação é diferenciada, mas na prática isso nunca aconteceu.

Penso que a relação entre o contexto social, território, processos formativos diversos e a prática pedagógica deve ser fortalecida, não pode haver separação entre uma coisa da outra. Estou trabalhando na elaboração do Plano Político Pedagógico (PPP) da minha aldeia, onde pretendo fazer com que o ensino formal respeite nosso sistema tradicional de educação e conhecimento. Na nossa visão de mundo, dividimos o mundo em várias metades. Na estação seca, a metade *Wacmejê* acontece, quando começam as principais festas, assim as aulas aconteceriam nesse ambiente, no pátio, junto com velhos/velhas, pajés, cantores/cantoras, caçadores e outros especialistas tradicionais. Nesse período, os estudantes poderiam acompanhar de perto cada detalhe desses movimentos. Na estação chuvosa, quando acontece a metade *Catamjê*, ficaríamos mais em sala de aula, estudando mais escrita em português, o que não impediria de ter os velhos para explicar como a sociedade funciona e se organiza tradicionalmente. Em ambos os períodos, seriam realizadas avaliações e registros com professores e estudantes.

2.3) Como pesquisei

Para fazer esta pesquisa, conversei e ouvi as pessoas, tanto os mais velhos quanto os adultos e jovens. Vi os resguardos acontecerem, os poucos momentos em que eles ainda estão vivos, pois muitos krahô não querem mais fazer os resguardos.

Para a ciência dos *cupen*, pode-se dizer que esta pesquisa teve uma abordagem antropológica, pois busquei compreender a maneira como os Krahô pensam, sentem e vivem suas vidas, suas relações sociais como compreendem o seu mundo e os acontecimentos sobre os resguardos.

Os velhos e velhas me orientaram, não fiz esta pesquisa sozinha, eles me deram a direção sobre como explicar algo tão grandioso e complexo que são os resguardos. Percebi que a pesquisa feita por um Krahô, como eu, não acontece sozinha, não é feita somente por mim, mas envolve os velhos e velhas, eles são meus orientadores, dizem o caminho que devo seguir.

Para alcançar os entendimentos dos Krahô sobre os resguardos, os velhos e velhas me falaram sobre a história das mulheres-cabaças e homens-croás e me orientaram sobre como organizar todas as informações que coletei. De acordo com essa história que trata dos primeiros *mehi* - assim são denominados os krahô, na língua krahô -, as mulheres-cabaças foram as primeiras pessoas que aprenderam com Sol, nosso herói criador, sobre os resguardos e, assim, esse saber foi sendo repassado. Tudo aconteceu nesta primeira aldeia e este conhecimento estava, principalmente, com as mulheres-cabaças e elas o repassaram. Assim, a partir desta história, analisei as minhas informações e apresentei essas informações a partir das mulheres-cabaças, conforme veremos mais adiante. Fiz um sumário que segue a rama da cabaça e do croá e cada mulher-cabaça traz um conjunto de resguardos: **Mulher-cabaça, a esposa do Sol; Mulher-cabaça, mantendo a vida; Mulher-cabaça, finalizando resguardos e iniciando outros; Mulher-cabaça, cerimônia funerária; Mulher-cabaça, o resguardo da memória; Mulher-cabaça, renovação da vida; Mulher-cabaça, ensinando os homens.**

Este sumário das mulheres-cabaças não está numerado e não apresenta uma numeração de páginas. Essa maneira de organizar os dados não segue uma ordem numérica ou cronológica ocidental.

No sumário das mulheres-cabaças, elas foram pintadas de verde e, de vermelho, estão os homens croás, os quais aparecem junto com algumas mulheres. Isso acontece porque essas mulheres, também, repassaram o conhecimento dos resguardos que os homens devem fazer a eles.

A participação das mulheres *mehi* para que os resguardos permaneçam na vida dos *mehi* é muito importante. Foi importante na nossa história, dos nossos antepassados e continua sendo importante até hoje, diante da ausência dos homens nesse processo que estão sendo atraídos pela cidade.

Além das conversas com velhos e velhas, outra forma de coletar dados aconteceu ao participar dos eventos ao lado do meu povo, observando como eles fazem e vivem os resguardos em determinadas situações na vida. Fui ao mato com os velhos e meninos para ver como se forma um caçador, nunca tinha passado por esta experiência. Registrei tudo, todos esses eventos com fotos. Assim, escrevi meu texto com as fotos.

Tirei fotos como a Wang e Burris (1997) fizeram e denominaram este trabalho de “foto voz” (photo voice), a foto que tem voz. Cada foto ou imagem conta uma história, sobre como as pessoas estão vivendo, o que estão fazendo e como estão se sentindo. As fotos tiradas ajudam a explicar o que elas estão vivendo. A “foto voz” permitiu coletar informações a partir

do que as imagens trazem de lembranças para as pessoas. As fotos foram tema de conversa com os Krahô.

As cenas das fotos falam do presente, do passado e do futuro e de vários locais do território Krahô, tanto do mundo visível e invisível que é visto somente pelos pajés ou acessado nos sonhos.

As velhas e velhos Krahô se preocupam com os novos e gostam de gravar entrevistas com histórias e cantos, querem deixar para as próximas gerações um caminho seguro que eles aprenderam com seus pais e avós.

Agora, preciso enfatizar que consegui reunir vários momentos, quando os resguardos são vividos, mas isto não significa que eles estão acontecendo. A cada dia que passa há um distanciamento dos Krahô, especialmente, dos homens em viver os resguardos. Os homens estão cada vez mais na cidade, as mulheres estão fazendo parto na cidade, tudo isso torna difícil viver o cuidado Krahô. E a escola afasta as crianças do resguardo.

Sobre a escrita deste trabalho, também, devo enfatizar que para fazê-lo em português, minha segunda língua, precisei fazer um arranjo de orientação com minha orientadora, Sílvia Guimarães. Concordamos que seria uma escrita em conjunto, este trabalho foi todo feito com minha oralidade passando-a para a minha orientadora e ela produzia o texto escrito. Assim, ele é um texto falado, vocês irão me ouvir ao ler este texto. Vocês irão perceber que ele tem outro formato devido a isso. Cada palavra escrita do português que eram novas para mim foi discutida entre eu e minha orientadora. Privilegie a construção de um trabalho que tratasse mais dos resultados da pesquisa do que leitura de outros textos. Nesse exercício, aprendi novas palavras e a forma da escrita do *Cupen*. Acredito que os indígenas estão na universidade apresentando novas maneiras de se ter uma produção acadêmica.

3. O Povo Krahô

O povo Krahô é falante da língua *Mãkraré*. Os linguistas afirmam que somos da família linguística Jê e falamos a língua Timbira. Temos como segunda língua, uma língua emprestada, o português. Usamos o termo *Mehi* (filho da ema) como autodenominação e denominamos os não-indígenas de *Cupen*. De acordo com censo da SESAI, de 2013, os Krahô somam 2.800 pessoas. Nós, Krahô, também, somos denominados de Timbira.

Somos um povo que na aldeia, acordamos todos os dias de manhã cedo e no fim da tarde, nos reunimos no pátio para compartilhar e planejar as atividades do dia seguinte. As mulheres Krahô incentivam essa prática de se reunir ao final do dia para manter o movimento

da aldeia firme.

Vivemos no cerrado e temos um amplo conhecimento e relacionamento com os animais, plantas, raízes e frutos desse ambiente. Mantemos relação com o denominado meio ambiente, que para nós, Krahô, está cheio de criaturas que devem ser respeitadas como respeitamos uma pessoa, assim, pedimos licença para entrar na casa ou território de uma planta ou de um tatu. Portanto, para plantar, colher, caçar, pescar, estabelecemos uma relação com os seres que dominam esses mundos. Desse modo, nossas narrativas e rituais contam com a presença de todos os seres do universo.

Temos uma classificação própria dos vários ambientes do cerrado: *iomré* (mato pequeno), *iomcati* (mato grande), *hawen* (vegetação do topo das serras), *hare* (vereda), *ken* (serras) e *hakot* (mato). Nosso território localiza-se próximo de afluentes da margem direita do rio Tocantins. Nosso tempo se divide entre o período chuvoso e da seca. Na época das chuvas, pescamos e caçamos. Na época da seca, acontecem as festas. Há a festa do *kwyrtti* ou *papa rout*, do caju, bacaba, mel, coco, a *amjikim do tére, tep, ketuwajê*. Essas festas começam no mês de abril, início da seca. As roças para as festas são preparadas em maio, junho, julho, agosto. Realizamos as corridas de tora da roça para cada aldeia, que acontecem pela tarde.

Nossa Terra Indígena é denominada, por nós, como *Mãkraré* e está localizada no estado do Tocantins, nos municípios de Goiatins e Itacajá. Os *Cupen* denominaram nossa Terra Indígena como Kraôlândia e depois como Krahô. Apesar de contarmos com um território de, aproximadamente, 3.200 km demarcados, em 1944, pelo então governo do estado de Goiás, com rico cerrado nativo preservado e um bom abastecimento de água, várias questões nos preocupam muito. Na Constituição Federal de 1988, conquistamos muitos dos nossos direitos, mas em cima das leis realizadas pelos *Cupen* só temos encontrado sofrimento. Nem o direito à terra é respeitado ainda hoje.

Temos no nosso território, as seguintes aldeias:

Aldeia	Nº de pessoas (Fonte: SESAI 2013)	Posto de saúde e escola
Aldeia Nova	145 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Mãkrare	35 pessoas	Escola

Aldeia Kyjpè kri	51 pessoas	Escola
Aldeia Rio Vermelho	295 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Bacuri	12 pessoas	Escola
Aldeia Cachoeira	360 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Pedra Branca	421 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Campos Limpos	136 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Pedra Furada	12 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Manuel Alves Pequena	286 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Pé de côco	61 pessoas	Escola
Aldeia Baixa Funda	6 pessoas	Escola
Aldeia Kenpojkre	51 pessoas	Escola
Aldeia Santa Cruz	110 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Água Branca	45 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Água Fria	24 pessoas	Escola
Aldeia Forno Velho	62 pessoas	Escola
Aldeia Mangabeira	169 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Galheiro	29 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Porteira	32 pessoas	Escola
Aldeia Serrinha	14 pessoas	Escola
Aldeia Serra Grande	103 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Lagoinha	67 pessoas	Escola
Aldeia Morro do Boi	70 pessoas	Escola e Posto de Saúde
Aldeia Riozinho	13 pessoas	Escola
Aldeia Macaúba	25 pessoas	Escola

Aldeia Barra	109 pessoas	Escola
Aldeia Cristalina	30 pessoas	Escola
Aldeia Coqueiro	10 pessoas	Escola
Aldeia Kàpej	18 pessoas	
Aldeia São Vidal	41 pessoas	Posto de Saúde

Os Krahô têm muitos rituais, no entanto, esses acontecem somente nas aldeias Cachorro, Pedra Branca, Rio Vermelho e Santa Cruz. Esses rituais encapsulam o que denomino, aqui, de resguardos, cuidados que a pessoa deve viver ao longo da vida, podem ser individuais ou coletivos. Os velhos e velhas Krahô são aqueles mais interessados em viver os rituais. Alguns rituais são relativos à construção da pessoa e tratam do resguardo realizado, por exemplo, pelo nascimento do primeiro filho, do fim de um processo de adoecimento, da primeira menstruação ou ritual de iniciação feminino. O ritual de iniciação masculino que dura mais de um ano e tem uma lógica de sucessão de fatos, está ameaçado porque as pessoas na comunidade não conseguem reconstituí-lo na sua totalidade. Há rituais coletivos, voltados para a sociabilidade entre grupos como, por exemplo, de trocas de alimentos e serviços. Ainda, há os rituais relacionados com o ciclo anual que vincula a estação de chuva e da seca e o sistema agrícola Krahô por meio do plantio e colheita do milho e da batata-doce.

Nos resguardos, há o cuidado com o corpo. No caso das crianças, os cuidados devem ser maiores e envolvem as pessoas com quem elas se relacionam. Desse modo, isso acontece mais intensamente, com a mãe, o pai, os irmãos e outros parentes mais próximos. Assim, por exemplo, se uma criança fica doente, todos os parentes ficam na espera e não podem comer determinado alimento. Isso mostra que todos participam da dor da criança. Entre os Krahô, o cuidado é coletivo.

Marcam as práticas de resguardo, a pintura corporal, o uso do Crow (tora de buriti) e as músicas Krahô. Pode-se dizer que esses são três pilares centrais em todo resguardo. As pinturas apresentam muitos significados, por exemplo, quando é feita na vertical ou horizontal como a pintura da cobra cascavel que terá determinado significado. O desenho do jabuti do cerrado é usado em crianças de 2 até 12 anos. Os adultos usam outras pinturas como a de gavião ou urubus.

A pintura e o resguardo andam juntos, nunca se separam. Quando uma pessoa finaliza algum resguardo, ela tem que ser pintada para se libertar, caso ela não se pinte, a pessoa pode ficar sofrendo. Cada pintura tem sua época, história e origem. Cada pintura tem um animal, planta, canto e proteção específica.

Por sua vez, o *Crow* é a tora de buriti. Essa tora, também, acompanha os resguardos e as pinturas. O *Crow* é vida, é espírito do povo. Quando alguém se cura de alguma doença, é preciso finalizar esse processo com uma festa com a tora. Quando uma pessoa morre, também é necessário realizar uma festa para o morto e a palmeira do buriti deve morrer também. O *Crow* está presente em momentos centrais da vida dos Timbira. Todo o buriti é uma vida de ser humano, tem vida. É uma característica dos Timbira, a corrida de tora e, para realizá-la, deve-se retirar toras de buriti. Esse processo deve ser feito com muito respeito à planta.

As músicas, também, têm um papel central nas práticas de resguardo. Todas as músicas vêm da natureza e acompanham os movimentos da comunidade. Há músicas para pescaria, caçada, casamento, consumo de alimentos. Assim, a escola precisa incentivar os jovens a conhecerem a organização da música. Acredito que a escola poderá ter um papel importante em documentar essas cantorias. Por isso, iniciei o uso de uma ferramenta metodológica com estudantes que se constitui em transcrever e desenhar na escola essas cantigas que trazem uma série de informações que os jovens não conhecem. É uma forma boa de ensinar a partir de uma construção conjunta com os estudantes.

Nesse movimento da comunidade, cada família sempre participa da construção dos saberes, cada uma construindo atividades cotidianas. Os processos de iniciação das meninas e meninos para a vida adulta requer a participação das famílias e o envolvimento de todas e todos. As práticas de resguardo devem ser observadas nessa passagem para a vida adulta. Os meninos e as meninas precisam passar pelo processo de *wyhty*, ritual de iniciação, para definir seu pertencimento no meio social.

A seguir, apresento o trabalho estruturado por meio de fotos e narrativas que explicam os principais resguardos que devem ser vividos ao longo do ciclo de vida da pessoa. Apresento os rituais de construção da pessoa que permitem a transformação e modelagem da pessoa em Krahô, captados pelas fotos.

4. Bibliografia

ISA-Instituto Socioambiental, site do ISA, 2016.

MOURA, A & LIMA, M^a G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p.980106, jan-jun, 2014.

SEEGER, Anthony, Roberto da Matta & Eduardo B. V. de Castro. 1979. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n. 32, p. 2-19

WANG, C, & BURRIS, M. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health, education & behavior*, jun, 2007

Wato ne hômpu ne kãmpa

Convivo, vejo e ouço a vida *Mehi* (*Mãkrarè*)



Sumário das cabaças

História das mulheres-cabaças (Origem das mulheres *mehi*)

Cada cabaça tem um jeito diferente e é uma mulher, todas foram feitas pelo Sol. A mulher (*mehi*) veio da cabaça. A primeira mulher (*mehi*) e as outras surgiram dessa história que irei contar e junto com elas vieram os resguardos, as práticas de cuidado com a corporalidade, fundamentais para a formação da pessoa *mehi*.

Sol e Lua eram dois compadres, dois homens, existiam só os dois no mundo. Lua tem preguiça, xinga, briga e atrapalha, por sua vez, Sol trabalha e organiza. Eles não são parentes (*hōpin*), mas compadres.

Eles fizeram uma roça e plantaram somente cabaças. Lua perguntou por que Sol estava plantando somente cabaças. Sol disse que queria uma mulher, porque delas se originam as pessoas. Depois Sol pegou uma semente do croá e plantou na mesma roça. Assim, metade da roça era de cabaça e a outra metade era de croá. Lua perguntou por que Sol estava plantando croá, ele disse que eram os homens.

Em seguida, Sol deixou uma marca na futura aldeia das mulheres-cabaças e dos homens-croás. Trata-se do círculo redondo, base das aldeias *Mehi*, no centro deste círculo encontra-se o pátio. Ao redor do pátio, Sol fez várias estruturas de palha, que serão as casas de cada mulher-cabaça.

Quando as cabaças estavam prontas, boas, maduras, Sol chamou Lua para ir com ele na roça, mas Lua estava com preguiça e não foi. Sol foi sozinho para a roça, andou por toda a rama de cabaças, olhando as cabaças, era manhã. E encontrou uma cabaça bem bonita, pegou essa cabaça e colocou dentro da água e falou: “Você irá virar uma mulher bem bonita”. Sol continuou falando que, de tarde, ela tinha que estar na casa dele. Quando a tarde chegou, Sol e Lua escutaram alguém fazendo barulho dentro do rio, era uma mulher-*mehi*. Lua falou com Sol que havia alguém fazendo barulho, Sol falou para Lua: “Calma não fique assim, não”. Lua queria ver quem era, mas Sol falou para não ir. Lua olhava para a estrada. Aí veio uma mulher com cabelo comprido, grande, bem bonita. Lua falou que a casa do seu marido é pra lá, assim ela seguiu para a casa de Sol.

Quando chegou lá, Sol a recebeu e falou que ela era a mulher que ele queria, aí dormiram juntos e, no outro dia de manhã cedo, ele foi caçar, mas antes passou na casa da Lua e pediu para ele não ir lá. Lua falou para Sol que não iria lá. Quando Sol sumiu no mato para caçar o caititu, Lua foi até sua casa e fez sexo com a mulher do Sol que era virgem. Depois desse evento, ela menstruou, quando Sol chegou do mato, a porta estava arrebentada e a mulher dele falou que ela estava sangrando. Sol disse que, de agora em diante, as mulheres iriam sangrar todo mês. Sol pegou urucum e pintou ela de vermelho, pegou umas palhas de pati e falou para ela ficar sentada e disse que enquanto ela estivesse sangrando ela não poderia banhar no rio, molhar a cabeça, só podia comer macaúba e milho. Esse foi o primeiro resguardo vivido pela mulher.

Sol dividiu o caititu ao meio e levou uma das bandas para Lua. Perguntou para Lua por que ele tinha mexido com a mulher dele. Lua pediu desculpas e disse que tinha que ser assim, ninguém tinha que ficar só com uma mulher. Sol falou que iria fazer uma mulher para Lua. Sol foi à roça, tirou uma cabaça com formato de pescoço definido, comprido, não era do jeito da mulher do Sol. E botou na água, aí, de tarde, a mulher de Lua saiu com o cabelo anelado, o pescoço mais fino e cabeça grande. No outro dia, ele retirou todas as outras cabaças da roça e jogou no rio. Pegou cabaças feias e bonitas, de todo o jeito e colocou dentro

do rio. Sol falou para as cabaças que todas elas se tornariam mulheres e que, quando saíssem da água, elas deveriam ir direto para suas casinhas com seus companheiros.

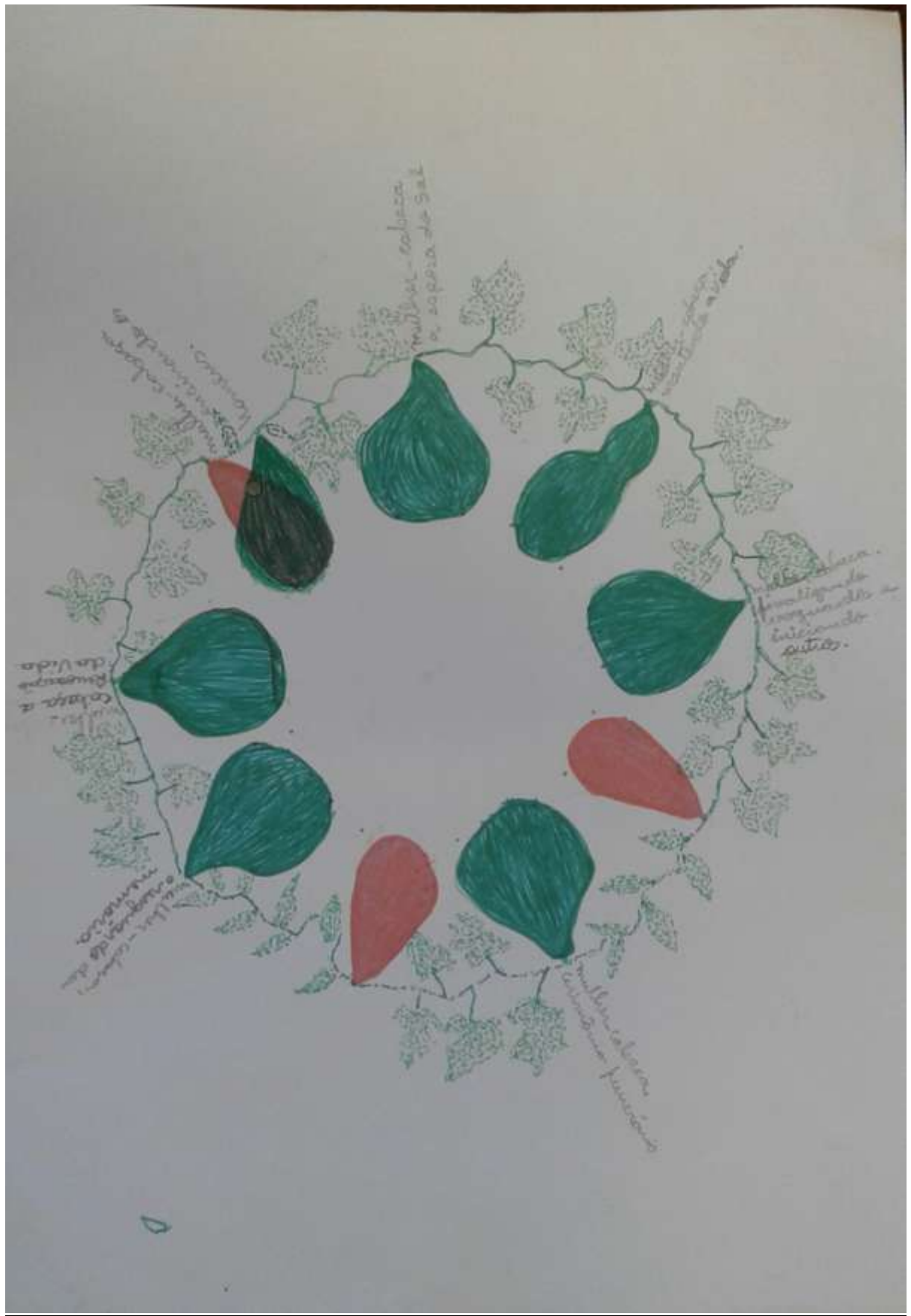
Sol retornou à roça, tirou todos os croás e os colocou, também, na água, junto das cabaças. Ele falou: “Vocês são os homens dessas mulheres que estão aqui, cada mulher sairá da água e levará seu marido”. Cada croá tinha um jeito diferente, azul, vermelho e verde, tinha croá bonito, feito, de todo jeito. Todos eram magrinhos, não tinha grosso.

Assim, cada mulher pegava no braço dos homens e o casal saía andando em direção a suas casas de palhinha, cada casa tinha um casal. E, assim, foi feita a aldeia (*Mehi*). Sol falou que o sinal marcado no chão, o círculo, era o sinal dele. E avisou que se um dia esse sinal sumisse, todos iriam morrer e não restaria mais nada.

A casa é da mulher (*mehi*), ela é quem faz tudo. Ela faz a vida dos *Mãkrarè*, povo que originou os *Mehi*. Elas mantêm a casa, os rituais, as festas, as relações sociais. As mulheres fazem e os homens acompanham. Os rituais e festas acontecem quando há algum resguardo para ser feito com uma pessoa de uma casa. Assim, quando isso acontece, é feito um comunicado pelo homem-chamador no centro da aldeia para os outros homens, que repassam essa informação em suas casas. Assim, todas as mulheres da aldeia iniciam a organização da festa.

Por isso, resolvi contar essa história a partir das mulheres-cabaças e homens-croás, fiz o sumário a seguir como cabaças e croás de uma mesma rama, compartilhando conhecimento/sabedoria entre si. Cada mulher-cabaça e homem-croá irá contar sua história de resguardo. As pessoas nascem indefinidas - sem o gênero definido- e precisam fazer resguardo para se tornarem mulheres e homens *mehi*. A palavra cabaça (*cukôn*), na língua *mehi*, é masculina e croá (*pàhxô*) é feminina.

Este trabalho foi estruturado e os dados que foram coletados foram organizados a partir do que os velhos e velhas *mehi* contaram sobre os resguardos, cada resguardo surgiu com a história de uma mulher-cabaça ou homem-croá, assim organizei essa história para contar sobre esta pesquisa. E esses velhos e velhas, que me orientaram, disseram-me que eu deveria tratar das mulheres-cabaças, pois por eu ser mulher, eu deveria trazer uma história ou narrativa das mulheres e assim faço a análise do material que levantei no trabalho de campo. Aqui a maneira como apresento as mulheres-cabaças como detentoras de conhecimento pode parecer estranho aos *Cupen* que sempre ouviram esta narrativa dos homens. Mas, enfatizo aqui que foram esses velhos, homens e mulheres, que me autorizaram a trazer a narrativa mostrando o conhecimento da mulher *Mehi*. Trazer essa versão com foco sobre as mulheres não é um problema para nenhum velho ou velha *Mehi*.



Mulher-cabaça, a esposa do Sol

A primeira mulher-cabaça era a mulher do Sol, ela viveu e tem a sabedoria do primeiro resguardo, o da menstruação, do sangue que flui. Ela repassou este conhecimento para as mulheres *mehi*. Menstruação e gestação caminham juntas, o sangue flui nessas duas situações e este deve ser cuidado. Após o evento da menstruação vivido pela mulher de Sol, as mulheres passaram a ter filhos. Na gestação, a mulher vive uma série de resguardos.

Quando está menstruada, a jovem deve ficar sentada na palha, tomar banho de cuia e cabaça e se alimentar somente de milho, macaubá e beber água. A primeira menstruação deve ter cuidados especiais, a menina não pode tomar banho fora da casa. Nas menstruações seguintes, ela continua tomando banho de cuia, mas pode realizá-lo em outros locais. Caso esses resguardos sejam quebrados, a menina adocece.



Na gestação, a mulher continua com seus afazeres na casa. Ela deve manter alguns cuidados na alimentação. Ela não pode comer, por exemplo, tamanduá, macaco, guariba, tatu-peba, tatu-rabo de couro, anta, capivara. Ela não pode comer pássaros como, por exemplo, seriema, perdiz, mutum, juriti, lambu. Caso ela coma algum desses animais, a criança poderá nascer com algum problema. Por exemplo, caso ela coma o tamanduá, a criança nascerá com as pernas fracas para caminhar. Ao mesmo tempo, o pai da criança, também, deve realizar determinados resguardos. Por exemplo, o pai não deve matar esses animais citados acima, nem comê-los ou ver alguém os matando. Caso o pai ou a mãe comam macaco, a criança

ficará com medo de altura, pois o macaco puxará o corpo invisível da criança. Se comer a guariba, a criança ficará com a cabeça abaixada, sem levantá-la.

O parto é feito pela mãe do pai porque ela irá dar o nome da criança, no momento do nascimento. Caso a criança seja menina, os avós paternos farão os cuidados com a mãe e a criança, caso seja menino, os avós maternos farão esses cuidados. Ao longo deste trabalho a referência aos avós depende desta indicação de ser menina ou menino.



Após o nascimento da criança, a mãe deve ficar observando a criança, seus movimentos, ver se ela está bem, se ela está com algo diferente. Caso ela note algo diferente, ela deve levar a criança ao pajé. A mãe deve permanecer, nos primeiros dias, após o nascimento, quando, ainda, está sangrando, sentada na palha, semelhante ao que ocorre na menstruação, o sangue deve ser controlado. Nesse momento, a mãe deve seguir dois resguardos, do sangue que flui e do cuidado com a criança. Ela deve manter o resguardo da alimentação, vivido na gestação e o pai também. A avó prepara a alimentação da mãe.

Quando o umbigo da criança cai, a mãe o leva para fora de casa e o enterra no terreiro. Quando a criança é pequena, ela pode ir ao terreiro, fora da casa, mas, antes de o sol se pôr, ela tem que entrar, caso contrário, um morcego pode passar e fazer xixi na criança que ficará barriguda. Agora, sem o umbigo, a criança pode ser pintada com uma tinta preta de uma essência natural, a avó vai ao mato pegar essa essência e, em seguida, pinta o corpo da criança no formato de pequenas patas de onça para proteger o corpinho dele ou dela. Nesse momento

da vida da criança, caso ela adoça somente o pajé saberá o que aconteceu, quem quebrou algum resguardo.

A mãe, o pai, os irmãos e as irmãs devem fazer, cada um, determinado resguardo até o umbigo da criança cair. Quando a criança está com o umbigo ferido, todos da família devem seguir restrições alimentares, devem comer somente milho. O pai, os filhos e a mãe da criança ficam todos de resguardo, pois caso alguém coma alguma coisa que faça a criança chorar, o umbigo cresce e estufa para fora. Aí, terão que fazer outro resguardo para o umbigo voltar ao normal.



Durante esse período da vida da criança, pai, mãe, irmãos e irmãs devem manter certa restrição alimentar e de atividades para que a criança cresça sem qualquer tipo de adoecimento e se inserindo na sabedoria *mehi*. Em tais ocasiões, muitos ensinamentos são compartilhados no ambiente familiar. Quando a criança nasce, o pai e a mãe têm que ter muito cuidado com o corpinho dela para ela não ficar doente. No início da vida, o pai ainda não pode pegar a criança no colo. Isso acontecerá quando ela estiver começando a caminhar, mas isso não significa falta de cuidado. Ele deve vivenciar várias restrições alimentares e sexuais para a criança não adoecer. O pai deve ir ao mato para coletar plantas medicinais para cuidar da criança, deve buscar casca de pau para dar banho, o qual será dado pela avó e avô. Por sua vez, a mãe não pode ir à mata ou roça. Ela cuida da amamentação e o pai cuida dos remédios e essências que devem ser passadas na criança. Em sua casa, a mulher cuida da criança, olhando-a como ela está. A avó cuida da mãe e dos outros netos/as, fazendo comida, dando banho na criança recém-nascida.

Hoje, os homens *mehi* estão deixando de ter esse cuidado, o qual está sendo feito somente pelas mulheres. A mãe, a família e a aldeia precisam da participação dos homens.



Após os primeiros cuidados, a mãe não está sangrando mais pela vagina, mas o sangue está subindo pelo seu corpo, na região das costas para se normalizar. Ela está amamentando e, ainda, não menstruou. A mãe tem que ter cuidado com alimentação e a criança só mama. O pai já pode se aproximar da criança, mas deve, ainda, manter o resguardo da relação sexual com a mãe. Assim, ele será um bom pescador e caçador. A mãe continuará com muita saúde, sua pele e cabelos ficarão bonitos.

Em breve, a criança já não mamará mais e estará falando, aí a mãe já estará livre para outra barriga. Poderá ter relação sexual com o marido. Quando está amamentando, ela não pode fazer sexo com seu marido.

Neste momento, após o fim da amamentação, o pai e a mãe já podem comer alguns alimentos, o resguardo continua, mas já não é tão firme. Há uma alimentação específica de macaúba, milho, batata doce, buriti, inhame e oiti. Por sua vez, a criança pára de mamar e já está pronta para comer comida de sal e frutas do cerrado, carne de animais, pássaros, ela inicia a sua vida para crescer rápido e saudável. O pai já começa a ensinar as coisas para o filho homem, por exemplo, sobre alimentação, a criança não pode comer algumas frutas e carne. Neste momento, inicia-se a formação da criança em corredor de tora e caçador. A criança que sonha muito é um sinal que será um pajé, o pai o ensinará a ter muito respeito e cuidado por ele mesmo e não ter medo dos sonhos. O pai deixará a criança aos cuidados de um pajé na sua vida.

Isso tudo é importante para crescer um adulto sadio e pronto para se casar e ter os cuidados com os filhos. Assim, aquilo que a pessoa irá praticar e viver, no futuro, como adulto, deve ser ensinado quando ainda é uma criança. Desse modo, neste momento da vida

da criança, ela já inicia sua vida de adulto, o que acontece com ela é uma vivência, memorizada no corpo. Ele saberá fazer seu resguardo e poderá ter o seu primeiro filho sadio. O cuidado que recebe quando criança já é o ensinamento para a vida adulta. Ele já saberá cuidar do corpo do seu filho, quando ele casar, irá saber que ele tem que ter muito cuidado para não adoecer e nem o filho dele. Esses ensinamentos repassados quando criança devem ser sempre praticados para não esquecer a tradição, de como seu pai ensinou ao seu avô que ensinou para seu filho passando para seu neto. Assim, as pessoas nunca irão esquecer seus costumes, de viver e ter mais firme seus resguardos. Mãe e avó têm uma participação importante, também, nos cuidados com o menino.

No caso das filhas mulheres, também, há participação dos homens e repasse de conhecimento feminino, seguindo o conhecimento passado de mãe para filha.



Com esta idade da criança, a mãe não está sangrando, mas deve manter cuidado com a menina que está crescendo. A criança deve ter cuidados com alimentação e como se alimentar para que, em breve, tenha uma menstruação tranquila, sem muito sangramento. Quando a mãe está menstruada, não pode brigar com a filha para a filha não adoecer. Nesta fase da vida, inicia-se o cuidado com a menina, que não pode sair sozinha, mas acompanhada da mãe ou avó. E o menino só pode sair com o avô e pai.

O pai só pode cortar alguns tipos de madeira e não pode caçar. Se for caçar, o animal pode fazer a criança ficar doente, com febre, ficar com as pernas fracas e ficar com a cabeça zonha. Caso a criança adoça, os pais devem fazer outros tipos de resguardo para curar a criança e cuidarem de si. Se a criança for homem, o pai deve cuidar de alguns aprendizados da criança, ensinar a roda da fogueira, ser caçador e sobre a vida sexual. O pai começa a ensinar a ele para saber como cuidar do seu corpo, tomar banho cedo, comer alimento, ser livre para

ter saúde. Se a criança for mulher, a mãe começa a ensinar atividades femininas, sobre a vida feminina na aldeia. A avó ensina muito, tem muita participação, ensina sobre a roda de conversa entre meninas. As meninas não revelam seus problemas só fazem isso com sua mãe ou sua avó.



Meninas mais baixas têm a carne mais dura por isso a menstruação demora a vir, por sua vez, em meninas mais altas, a carne é mais mole assim a menstruação vem mais cedo com 10 ou 11 anos. As meninas desta foto já iniciaram o resguardo, estão aguardando a vinda da menarca. Assim, elas não devem comer certo tipo de caça como o tatu peba, tatu rabo de couro, txinré, pois, caso contrário, se elas comerem esses animais, virá muito sangue e elas terão dor nos quadris, nas pernas e cólica no baixo ventre. Algumas frutas também são proibidas como a bacaba, pequi, bacuri, puçá, araticum. Também, não pode comer arroz, pois o cabelo fica branco antes de ficar velho, da idade de ter cabelos brancos. Neste momento, da primeira menstruação, a menina pode comer buriti, macaúba e, quando o sangue pára de fluir, a menina pode comer batata doce, abóbora, macaxeira, inhame, massa de mandioca, frutas do mato que não podem ser comidas. Se o resguardo for bem feito, a menina não sentirá nada. Ela, durante o resguardo, não pode tomar banho no rio, não pode lavar o cabelo nem molhar a cabeça e só se lavam da cintura para baixo. Só pode tomar água durante o dia, a noite é interdito. Deve ficar quieta dentro de casa.

Mulher-cabaça, mantendo a vida

A segunda mulher-cabaça vivia na primeira aldeia *mehi*, junto com a mulher do sol. Ela já aprendeu o resguardo da menstruação e da gestação, como controlar o sangue que flui, e está vivenciando sua vida sexual. Coube a esta mulher aprender e repassar os ensinamentos sobre as cestarias, sobre tudo o que se usa na casa *mehi*, sobre as pinturas, as comidas e a corrida de tora. Ela mostrou como manter a vida da aldeia que deve estar entrelaçada com a observação de diversos resguardos, realizados ao longo da produção de cada uma dessas coisas. As cestarias englobam tudo o que se usa para fazer a comida, para guardar, levar alimentos da /para roça, carregar coisas da casa, fazer trocas com outras mulheres. As pinturas são várias. Ela ensinou a usar a pintura do jenipapo para enfeitar a pessoa, a pintura de cor preta da essência de uma árvore é usada para proteção do bebê e limpar a pele. A pintura vermelha do urucum serve para a proteção da pele e é usado pela mãe em seu corpo, para proteger a criança. Ela mostrou o cuidado que se deve ter com a roça, quais os diretos que as mulheres têm para poderem ter o cuidado na roça, plantar na roça batata, inhame, mandioca, macaxeira, amendoins.



A mulher *mehi* cuida da dinâmica da casa, da vida das crianças pequenas. Ela mantém a alegria, a conversa e a convivência na aldeia.



O resguardo do primeiro filho é marcante, após finalizá-lo, a mulher se liberta para os outros filhos que virão. No entanto, neste período, ela precisará ter uma atenção especial com suas mãos que precisam ser muito bem cuidadas para que as coisas deem certo. Esse é um novo aprendizado para a mulher que irá aprender como lavar suas mãos, como se banhar, o que pode ou não pegar. Essa jovem mulher não poderá pegar em sangue nem para preparar alimento nem nos mortos. Ela deverá usar três tipos de plantas para o cuidado com as mãos. Ela não poderá fazer comida para todos, apenas para seus filhos, nem mesmo para o marido ela deverá cozinhar. Esse resguardo das mãos é voltado para os cuidados com o primeiro filho e, também, com ela própria para se fazer cada vez mais uma mulher *mehi*. Nas mãos das mulheres, concentra-se a sabedoria que mantém a vida *mehi*, a lida nas roças, o cuidado na criação de uma pessoa, a produção do alimento que reúne e faz as pessoas serem cada vez mais *mehi*. Nas mãos estão contidos os saberes femininos e conhecimento sobre os modos de produção da corporalidade feminina e da criança. Dessas mãos se produz a vida na comunidade.



Sobre a produção do alimento, esta mulher-cabaça mostrou que por meio do alimento compartilhado os *mehi* vivem juntos, se reúnem. O Sol ensinou a esta mulher a cozinhar, cabe a ela vivenciar os resguardos das mãos, vinculados à produção dos alimentos. A mulher *mehi* deve saber cozinhar para toda a comunidade e deve dispor os grupos de comensais. Os meninos e meninas (*wythy*) que vivenciam os rituais de iniciação devem comer sozinhos dentro de casa, pois não podem colocar a mão na comida compartilhada com outros. Há grupos que devem comer separados e a mulher deve indicar essa configuração.



Amjekin Pergahac acontece quando homens estão no momento final de luto. Toda a comunidade se reúne para comer junto e com os convidados, neste momento a mulher-*mehi* atua mantendo a vida.

Os homens fazem resguardos do corpo e da memória, da sabedoria, do conhecimento e história *mehi*. Sol ensinou sobre os resguardos dos homens para as mulheres-cabaças e esse conhecimento foi sendo repassado. Hoje, os homens mais velhos ensinam os novos sobre os resguardos que devem ser seguidos para o bom desempenho nas corridas de tora e ensinam quais alimentos da roça e do cerrado são permitidos para ser um bom corredor. Há remédios de folhas para fortalecer as pernas; dessa mesma árvore que utilizam as folhas, usam a casca para fazer um chá que fortalece o corpo; e usam a raiz do mesmo modo. Tais remédios são exclusivos dos homens adultos e meninos, sendo que as mulheres não os podem utilizar. Caso elas os utilizem, a árvore morre, assim como, caso elas retirem um pedaço da casca da árvore, a árvore também morrerá. Na corrida de tora, esta mulher-cabaça ensinou como os principais corredores devem se comportar, não podem dormir e nem ficar perto de uma mulher, com exceção de sua mãe. Todo este conhecimento vivido mantém a vida *mehi* e o homem deve realizar resguardos do corpo e da memória para manter esta vida.



Sol deixou com as mulheres o conhecimento sobre a vida *mehi*, deixou com elas a tarefa de ensinar. As mulheres mais velhas comem juntas, pois têm as mãos limpas, são *mehi* plenas, são responsáveis pela produção do alimento coletivo como o paparuto, pela sociabilidade. Elas não fazem mais sexo, não menstruam, não pegam em qualquer coisa. Com vinte anos, a mulher começa a usar suas mãos, a manipular objetos, alimentos, corpos, elas devem vivenciar essa sabedoria das mãos para aprender a manter a vida. O amadurecimento do pensamento das mulheres mais velhas lhes proporciona outro ritmo, outros toques. Concentram o movimento de suas mãos para o cuidado com as crianças, elas fazem o alimento dos mais novos. Com elas tudo está limpo e não contaminado, pois suas mãos estão limpas com o amadurecimento e sabedoria *mehi*.

Quando estão ralando macaxeira, fazendo o alimento coletivo, elas páram para comer e comem juntas. Nenhuma mulher jovem ou homem, comem junto com elas, as mulheres velhas. Somente elas comem na mesma bacia, contando histórias, reunidas.



Manter a vida é viver o resguardo. Para ser um homem caçador, pescador ou corredor, o homem deve ter força para vivenciar esses momentos. As mulheres organizam os resguardos, a vida em comum e os momentos compartilhados dos resguardos, só assim os homens *mehi* se cuidam e cuidam de sua família e comunidade.

A corrida de tora faz parte dos cuidados que o homem deve ter para se fazer *mehi*, deve ser vivenciada por todos os homens, desde criança até sua vida adulta. As mulheres, também, são corredoras e, ao mesmo tempo, organizam a festa da corrida de tora. A tora, para nós, é nosso próprio sangue, nossa família. Ela é feita de buriti. O buriti traz a alegria por meio da tora. Mata-se um buriti para se ter a corrida de tora, para fazer a alegria, por isso há todo um cuidado especial na coleta do buriti. A pessoa que irá coletar a tora de buriti não pode pegar uma fêmea, mas deve pegar um macho, velho, ou uma fêmea que não produz. Quando um *mehi* morre, os pés de buriti ficam tristes porque sabem que também alguns deles irão morrer para os *mehi* realizarem a corrida de tora. O movimento da vida na aldeia acompanha o do buriti e seu buritizal. O pajé pega na tora para correr e saber quem pode ou não pegar na tora de buriti, quem está preparado. O pajé vê os mortos presentes que querem derrubar a tora do buriti no momento da corrida. Existem pinturas que protegem dos mortos que podem atrapalhar na corrida de tora ficando na frente ou derrubando a tora. O pajé tem um olhar transparente, como uma coruja que roda o pescoço e enxerga tudo. Ele acompanha quem está fazendo resguardos e tem condições de pegar na tora. Para o pajé, a tora é leve, ele realiza os resguardos, mas quem não está seguindo seus resguardos, não seguem os cuidados e restrições que devem ser vividos em sua fase de vida ou para ser corredor, não conseguem carregar a tora.

Na corrida de tora, acontece a disputa de quem fez o resguardo para ser o corredor, qual a divisão mais preparado, ver quem corre mais, quem tem mais força, para ter força na perna e no ombro. Resguardo das pernas.

A corrida de tora é feita durante uma festa, na finalização dos resguardos para ser corredor ou corredora e é um momento de manutenção da vida. A mulher-cabaça ensinou os resguardos que devem ser vividos na corrida de tora e a interação que este momento apresenta ao reunir a comunidade entre si e os convidados de outras aldeias.



Após ter seus quatro filhos, um homem se pinta com a pintura do gavião ou do urubu, ao longo do seu tórax e braços. Seu joelho tem a marca da onça. O homem está vivendo o resguardo do quarto filho que se relaciona com a entrada no envelhecimento. Está partindo para a velhice. Cada fase da vida de um homem está relacionada com um grafismo que ele deve manter em seu corpo cotidianamente. Esse grafismo protege seu corpo para não adoecer, quando estiver andando no mato, contra o ataque dos mortos e de criaturas da mata, também, protege o corpo de seus filhos. Ao olhar esse grafismo, criaturas da floresta saberão que o homem e sua família estão protegidos.

É feita uma pintura, também, dentro do miolo da tora. É feita com carvão, após a tora ser coletada. O corpo do homem que vai correr com a tora, também, deverá ser pintado, mas o grafismo a ser usada dependerá da fase da vida que ele se encontra e da metade a que ele pertence. Para se manter forte, caçar, pescar e ter a vista boa, o *mehi* deve se resguardar, isto é, deve se pintar, não deve namorar com outras mulheres que não a sua e sua mulher não poderá traí-lo, pois ele se sentirá mal.

A pintura assim como a corrida de tora foram ensinadas pelo Sol a uma mulher-cabaça que repassou este conhecimento e sua vivência. Isso aconteceu na primeira aldeia, onde vivia a mulher do Sol.

Mulher-cabaça, finalizando resguardos-iniciando outros

Esta mulher-cabaça vivia na aldeia com a mulher do Sol. Ela aprendeu sobre como finalizar um resguardo importante na vida da mulher que irá reinseri-la na vida social mais amadurecida e assumindo responsabilidades mais coletivas, quando ela irá compartilhar com outras mulheres a vida na aldeia. Em um movimento contínuo, finalizando resguardos e iniciando outros, sem rupturas, a mulher se transforma e se fortalece.



A primeira gestação, o parto e o cuidado com o primeiro filho marcam profundamente a vida da mulher *mehi*, a partir deste momento ela se transforma em uma mulher mais amadurecida e preparada para assumir sociabilidade do grupo. Quando a mulher finaliza o resguardo do primeiro filho, a criança já está andando e não mama mais no peito da mãe. Ambos se alimentam com uma dieta especial, a mãe ainda não tem relações sexuais, mas já pode cortar o cabelo e se pintar assim, ao mesmo tempo, outro resguardo se inicia. A mulher está entre dois momentos da vida, em uma situação delicada que deve ser pautada por alguns cuidados. Ela deve se preparar para ser a mulher *mehi* que irá manter a vida na aldeia, para tanto, está finalizando um ciclo de resguardos e iniciando outro, o qual marcará sua participação em outros contextos e transformação em outra mulher. Já pode se alimentar com arroz e feijão, além das frutas do cerrado, incluindo bacaba, bacuri, puçá, oiti, pique, araticum. Mãe e filho se alimentam das mesmas coisas.



Quando descobre que estava grávida, especialmente, do primeiro filho, a mulher não deve cortar mais o cabelo, ela inicia uma fase de resguardo muito rígido. Na finalização deste processo, quando a criança estiver andando, ela deverá cortar o cabelo e se pintar. O cuidado com o cabelo faz parte do resguardo da mulher grávida que se inicia no momento do parto até a criança começar a caminhar. Esse resguardo deve ser vivido para que o cabelo da mulher não fique branco antes do tempo certo ou para que ela não fique careca. Ao logo deste resguardo, a mulher não pode coçar a cabeça com a unha, assim, o avô faz um espetinho de uma madeira específica para a gestante poder se coçar. Ao finalizar o resguardo e realizar o corte, elas podem voltar a usar óleo de bacaba, babaçu e buriti nos cabelos.

O cabelo concentra vários resguardos, o cabelo longo sinaliza que a pessoa está vivendo um tempo especial de cuidado com seu corpo. O cabelo deve ficar grande e ser cortado para que a pessoa tenha saúde, fique alegre novamente.



A mulher está com a pintura que marca a vida adulta, feita de essência vermelha, deve estar no tórax da mulher ao longo do rosto em pequenas e finas linhas verticais. Trata-se de uma marca especial, de uma pintura da vida adulta que só será feita, novamente, quando a mulher vier a falecer. Neste momento, esta pintura é feita para marcar o fim do resguardo do primeiro filho. Trata-se de uma pintura sagrada para a vida, traz proteção, saúde, início do amadurecimento da mulher. A avó ou a mãe escolherão qual o tipo de grafismo que será feito, o qual segue padrões semelhantes, linhas verticais no rosto. Juntamente com essas pinturas, as mulheres se envolvem em panos, antigamente, elas usavam muitos colares de tiririca. Os panos que a mulher apresenta envolvendo seu corpo serão tomados por outros como uma oferta em um sistema de troca.



Na finalização do resguardo *Amjekin Kordi*, as mulheres seguem as orientações da avó paterna. Neste rito final, três tipos de resguardo se inter-relacionam, o fortalecimento do corpo da mulher conjuntamente com uma memória corporal, o fortalecimento do corpo da criança e a regularização da menstruação. Neste momento, essas mulheres se aprimoram porque o fluir do sangue já voltou para o corpo dela de outra maneira. A partir deste momento, ela será uma mulher amadurecida que se insere de outra maneira, mais participativa na vida coletiva, mantendo a sociabilidade *mehi* entre si e com os visitantes.

Mulher-cabaça, cerimônia funerária

Esta mulher-cabaça, também, vivia na aldeia da mulher do Sol e aprendeu como deve ser feito o cuidado com o corpo do morto. Quando a pessoa morre, se for um homem, as mulheres, parentes de sua mulher, deverão cuidar do seu corpo. Ele será pintado, empenado e envolto em tecidos. Caso seja uma mulher, as mulheres, parentes do marido, irão cuidar do seu corpo. Após ser pintado, o morto será envolvido por uma esteira e carregado por três homens como uma tora de buriti. A sepultura será feita pelo cunhado do morto (marido da irmã), ele terá essa obrigação. O morto será depositado no local, eles irão colocar pau e palha e, depois, irão colocar a terra.

Na morte de uma pessoa, todos os parentes próximos devem se envolver no resguardo, o tipo de resguardo varia com o tempo e momento da morte de cada pessoa, se é uma criança, uma jovem mulher ou um idoso. O tempo da morte no ciclo de vida da pessoa se refere a determinados tipos de resguardo. Caso seja um velho cantor ou uma velha historiadora que morreu, o resguardo envolvido na cerimônia funerária deve durar um ano.

A morte marca um tempo e contexto quando a família próxima que vivia na mesma casa, comia todos os dias os mesmos alimentos com o morto, deve se manter unida, comendo junta. A família sente a falta do morto e isso faz com que todas e todos fiquem juntas (os) ao longo do ano. Não podem preparar alimento separado, não podem fazer sexo, não podem fazer pinturas no corpo, não podem ir ao centro do pátio ou à casa de outros vizinhos. Todos os dias, ao longo de um ano, os familiares recebem visitas e as pessoas se reúnem para fazer o choro cerimonial no pátio.

Quando a cerimônia funerária é feita devido à morte de uma criança pequena, a mãe, o pai, avó e avô são as pessoas que devem fazer o resguardo durante um ano, por sua vez, as irmãs, os irmãos, tias e tios não fazem esse resguardo porque a criança, ainda, não havia se habituado a essas pessoas, pois havia se relacionado somente com os pais e avós. Por isso, os resguardos dizem respeito a essas especificidades. Na morte de um jovem adulto, a companheira ou o companheiro juntamente com os filhos são os que irão fazer resguardos. Eles devem ficar unidos ao longo de um ano, devem tomar banho juntos, se alimentar em conjunto, realizar o choro cerimonial com os visitantes, também, reunidos. A cerimônia funerária envolve um complexo de atividades que deve ser realizado por um grupo específico de pessoas. Essas são as que mantiveram uma ligação com o morto, trocaram fluidos, alimentos, pertences. Assim, esse grupo de parentes próximos se configura em um número pequeno de pessoas que guardam as marcas do morto em suas corporalidades e memórias.

Ao final deste período de um ano, um conjunto de resguardos sinaliza o final do luto e a renovação da família. Os familiares podem cortar o cabelo e se pintar novamente. A comunidade como um todo observou o movimento do resguardo da família, e continua observando como estão finalizando este resguardo, os familiares do morto limpam toda a aldeia, varrem e iniciam os cortes de cabelo e pinturas no corpo, é tempo de renovação.



Sabedoria feminina orienta as atividades de uma cerimônia funerária.



Choro sobre o morto.



Na cerimônia funerária ao longo de um ano, familiares e amigos se reúnem no pátio, ao final do dia e ao longo da noite, para cantar. Quando finda o período de um ano, são realizados cantos para encerramento do luto, os quais seguem do entardecer até seis horas da manhã. Todos se reúnem, neste momento final, e os amigos receberão pagamento pelos cantos que realizaram para o morto, serão feitos os pagamentos em forma de caça, panelas, linhas, para aquelas famílias que participaram do processo. Algumas pessoas não-familiares do morto, também, realizaram resguardos do luto ao longo do ano, por exemplo, elas não cortaram o cabelo e não se pintaram. Isso aconteceu devido à proximidade que essas pessoas tinham com o morto. Essas pessoas, também, receberão pagamento pelo luto que mantiveram.

Neste momento, o buriti de onde se retirou a tora saberá que o morto e as pessoas estão protegidas, as pessoas cantam sentadas na direção do buritizal. As pessoas envolvidas no resguardo cortam o cabelo, fazem pintura. Será o momento de realizar a corrida de tora, o morto virá visitá-las, mas saberá que as pessoas estão protegidas com as pinturas. Assim, o morto não irá fazer nada com eles assim como o dono do buriti.

Quando uma pessoa morre, toras de buriti são cortadas, o dono do buriti não gosta disso, por isso se canta a música do buriti durante a noite, anterior ao corte da tora para acamá-lo. Só podem cortar a tora, pessoas que seguem os cuidados com o resguardo e estão fortalecidos. Há muito tempo atrás, os *mehi* aprenderam a música do buriti, escutando nos troncos, hoje, eles cantam essa música para acalmar o dono do buriti.



Os cabelos compridos das mulheres mais velhas sinalizam que as mesmas estão realizando resguardo de luto. Mulheres mais velhas que não podem mais ter filhos têm as mãos limpas, sábias e, por isso, elas mantêm a vida na comunidade. E elas cortam os cabelos das pessoas que finalizam o luto.



Amigos, visitantes, convidados, compadres/comadres e as mulheres que auxiliaram no corte de cabelo recebem pagamento pelo luto que seguiram conjuntamente com os familiares. Tecidos, miçangas são alguns dos bens trocados. Os bens são dispostos próximos a elas, já foi determinado com o quê cada uma irá ficar. Este momento do pagamento disposto na esteira envolve somente os parentes, que cantaram e deixaram o morto calmo e feliz.



A tora de buriti está envolvida com tecidos que serão distribuídos como forma de pagamento pelo luto que realizaram e pelo auxílio nos cortes de cabelo. Neste momento, a cerimônia funerária passa a ser vivenciada para além da família, envolve os membros da comunidade e visitantes, os quais receberão o pagamento. O fim da cerimônia funerária marca a renovação da vida entre as pessoas, a convivência. Agora, o movimento da cerimônia está na comunidade, os rituais seguem da família próxima do morto para a comunidade, da casa para o pátio. Ampliam-se as pessoas envolvidas e o ritual passa para o pátio.

Um parente próximo da pessoa que morreu sobe em cima da tora de buriti e fala que quer paz, saúde, proteção para os mortos e para todos os que fizeram o resguardo. Solicita que os resguardos sejam seguidos para que fiquem protegidos. A tora representa a vida, o olhar e o pensamento vivo dos que ficaram em cima da tora, que teve que ser morta para esta festa. Neste momento, a cerimônia funerária alcança a comunidade, deixa de ser um evento interno da família e passa a ser algo da comunidade. Neste momento, serão decididos os pagamentos, para quem poderão ser dados os tecidos e outros pagamentos, quais pessoas ficarão com uma quantidade maior de pagamento e as que ficarão com uma menor. Serão avaliadas as pessoas que seguiram de maneira mais detida os resguardos ao longo do ano, de maneira mais rígida. Panelas, facões, espingardas serão distribuídos para aqueles que viveram mais rigidamente os resguardos, panos e miçangas serão distribuídos para os que não foram tão rígidos. Neste momento serão entregues os presentes que o viúvo deve aos parentes da esposa falecida e os presentes que a viúva deve receber dos parentes do marido.



As macaxeiras devem ser preparadas com cuidado para os eventos que marcam a vida e sociabilidade dos *mehi*. As mulheres mais velhas que não menstruam e não podem mais ter filhos devem preparar a mandioca, devem descascar, ralar e preparar a massa para o paparuto, alimento usado em momentos especiais na aldeia, alimento para o resguardo. Existe um cuidado que está na mão da mulher idosa sobre como agir com a macaxeira. Não fazem sexo, não menstruam, não apresentam o fluido do sangue. Elas mantêm um cuidado com a mão e

não podem deixar o/a jovem descascar a mandioca, caso isso ocorra, o alimento ficará arruinado e com o cheiro ruim. Essas mulheres mantêm a casca reunida no centro da roda assim como as macaxeiras que serão raladas e a massa.



Quando as mulheres estão preparando a macaxeira, cortando a macaxeira, não pode haver pessoas próximas. As cascas devem permanecer reunidas no centro da roda onde essas mulheres estão dispostas, elas devem reunir as cascas, que não podem ficar dispersas pela aldeia. Se uma pessoa fizer xixi na casca, ela terá pus na urina, semelhante a uma doença venérea, por isso o cuidado com a casca da macaxeira para ninguém urinar em cima. Ao final, elas irão varrer bem e jogar em um local onde ninguém faz xixi. Para usar a macaxeira tem que saber, tem um conhecimento que as mulheres mais velhas dominam. São poucas mulheres reunidas, ralando e preparando a macaxeira. Não podem ficar pessoas próximas conversando. Elas gostam do silêncio e da tranquilidade para cuidar da macaxeira.



As mulheres velhas se mantêm reunidas com pouco barulho, somente elas, na preparação do paparuto. Ninguém pode ficar pegando as macaxeiras ou fazendo barulho, somente, as mulheres velhas, reunidas, cuidam da macaxeira



Essas mulheres têm a pele macia, seca, não ficam suada, tomam muito cuidado com sujeira para não cair na massa.



Com a massa pronta, elas irão preparar as folhas para embalar a massa. Essa água da macaxeira deve ser cuidada para a pessoa não adoecer, as mulheres mais velhas não adoecem com essa água.



Essa palha é usada na produção de alimento, envolve a massa do paparuto que será assado. É uma palha muito importante para fazer os alimentos dos *mehi*. É importante na preparação de comidas típicas das festas, nas finalizações dos resguardos. Quando há uma festa, haverá muitos visitantes, muita comida, trocas e pagamentos.



As mulheres mais velhas irão dispor a massa do papartu para ser assado. Eles devem arrumá-la nas folhas que são cuidadosamente colocadas no chão. As mulheres mais jovens observam para aprender. Elas vão falando como deve ser disposto. Somente as mulheres velhas com as mãos preparadas fazem isso.



Em cima da massa, as mulheres colocam a carne. Ao longo da preparação, elas limpam tudo ao redor das folhas. O paparuto é um alimento das festas, da reunião da aldeia toda e seus convidados. As pessoas que estão seguindo algum resguardo não poderão comê-lo, aquelas que estão finalizando algum resguardo como, por exemplo, o luto, poderão comê-lo. O paparuto faz parte da festa, marcando a vida que se reinicia ao se comer em conjunto com os familiares e convidados. Um convidado ou visitante pode ganhar o paparuto, mas se ele estiver fazendo resguardo, não poderá comer, ele o dará para outros membros da sua família.



Quando escurece, o paparuto está pronto para ir ao moquém e a festa irá perdurar pela noite. O moquém foi preparado, ao fundo tem pedra quente, brasa, o paparuto é disposto. São colocadas mais pedras quentes em cima e outra camada de folha de bacaba. As velhas ficam aguardando ser assado, ninguém pode mexer, todos ficam vendo.

Há dois tipos de paparuto, o grande e o pequeno. O pequeno é feito na família e todos comem, caso não esteja em resguardo. O grande é feito em momentos festivos que marcam a finalização dos resguardos.



Para fazer o moquém, os homens trazem a lenha, as mulheres trazem as pedras. Os homens cavam e as mulheres enterram o paparuto no moquém, com lenha e pedra. Os homens espalham a brasa, a pedra quente. As mulheres esperam aquecer para colocar o paparuto. Só os mais velhos ficam próximo ao fogo para fazer o moquém. Ninguém dos novos participa, somente os velhos. O paparuto ficará assando até o amanhecer.



Paparuto está assado. Agora, ele será dividido entre os presentes. Há a figura do governador, ele é quem irá repartir o alimento para todos. Cada casa irá receber assim como as casas dos convidados, as pessoas ganham e irão dividir. As mulheres e homens mais velhos irão comer tranquilamente, eles fizeram e eles poderão comer.



As pessoas estão aguardando a divisão, quem recebe, leva para o seu grupo familiar e eles irão comer juntos.

Mulher-cabaça, o resguardo da memória

Havia uma aldeia onde surgiu este resguardo, nesta aldeia, as pessoas iam esquecendo o jeito de ser e viver *mehi* e saíam correndo para o mato virando criaturas e seres da mata. Um velho ia dando os nomes desses seres. O *tewa* foi um desses, era uma *mehi* que havia esquecido dos resguardos, assim, ele queimou sua perna que ficou pontuda, fina e ele saía matando os *mehi* pelas costas com essa ponta fina. Esse *mehi*, que perdeu a memória, se transformou nessa criatura da floresta que gosta de matar os *mehi*.

O resguardo da memória faz a pessoa se tornar cantor e cantora, isso deve começar quando a pessoa, ainda, é pequena. E continua até a pessoa morrer. Os velhos e velhas passam para os jovens esse conhecimento e jeito de viver. Com esse resguardo, os *mehi* mantêm a vida do casal e da família na aldeia porque eles irão manter a memória *mehi*. Para não perder e não esquecer, os *mehi* devem desenvolver um cuidado com o corpo.

Os cantores e cantoras, que ensinam, são os velhos e velhas. Neles está a sabedoria que será repassada para os jovens. Essa sabedoria são os cantos *mehi*. Manter essa memória de ser *mehi*, se fortalecer como *mehi* e não esquecer são elementos importantes para não se transformar em criaturas da floresta.

Esse resguardo envolve aprender os cantos que estão relacionados com não comer coisas em panelas e pratos, mas só no moquém. A pessoa deve comer alimentos assados. Usar casca, raiz e capim para limpar a cabeça. Os cheiros, as essências, as consistências dos utensílios e produtos dos não-indígenas devem ser evitados.

Nem todos serão cantores e cantoras, alguns demonstram que se transformarão em cantor ou cantora por volta dos nove anos de idade. Com essa idade, a criança já se mostra envolvida com os cantos. Os pais e avós começam a inseri-la neste saber, essa criança não terá a mesma convivência que as outras, ela terá alimentação especial e uso de artesanato e pinturas também especiais. Ao longo da vida, essa criança será preparada para ser um cantor ou cantora e terá o domínio sobre a memória *mehi*.



Essas mulheres são cantoras, elas guardam uma semente na cabeça, que veio das mulheres cabaças. Essa semente é como um computador que guarda a memória. Para essa memória ser guardada e limpa, essas mulheres devem usar o sereno, usar vários tipos de plantas medicinais, remédio do cerrado, uso da água do rio pela manhã, bem cedo. Devem tomar banho cedo. Usam muitas folhas do cerrado para guardar as músicas, há músicas do dia, da noite, da meia-noite, da madrugada. Para gravar tudo isso, essa mulher deve fazer um resguardo rígido que transforme seu corpo para ter a semente, deve ter uma vista boa também. Deve usar um remédio para vista para enxergar bem, para ver a noite, não sentir dor, para ela poder enxergar a noite. Assim, elas terão uma memória boa, há várias músicas que acontecem ao longo do dia, da noite e da madrugada. Elas seguem um resguardo rígido, só pode fazer sexo durante o dia - de manhã ou ao meio dia ou a tarde - não pode fazer sexo durante a noite. Ao longo da noite, elas cantam muito.

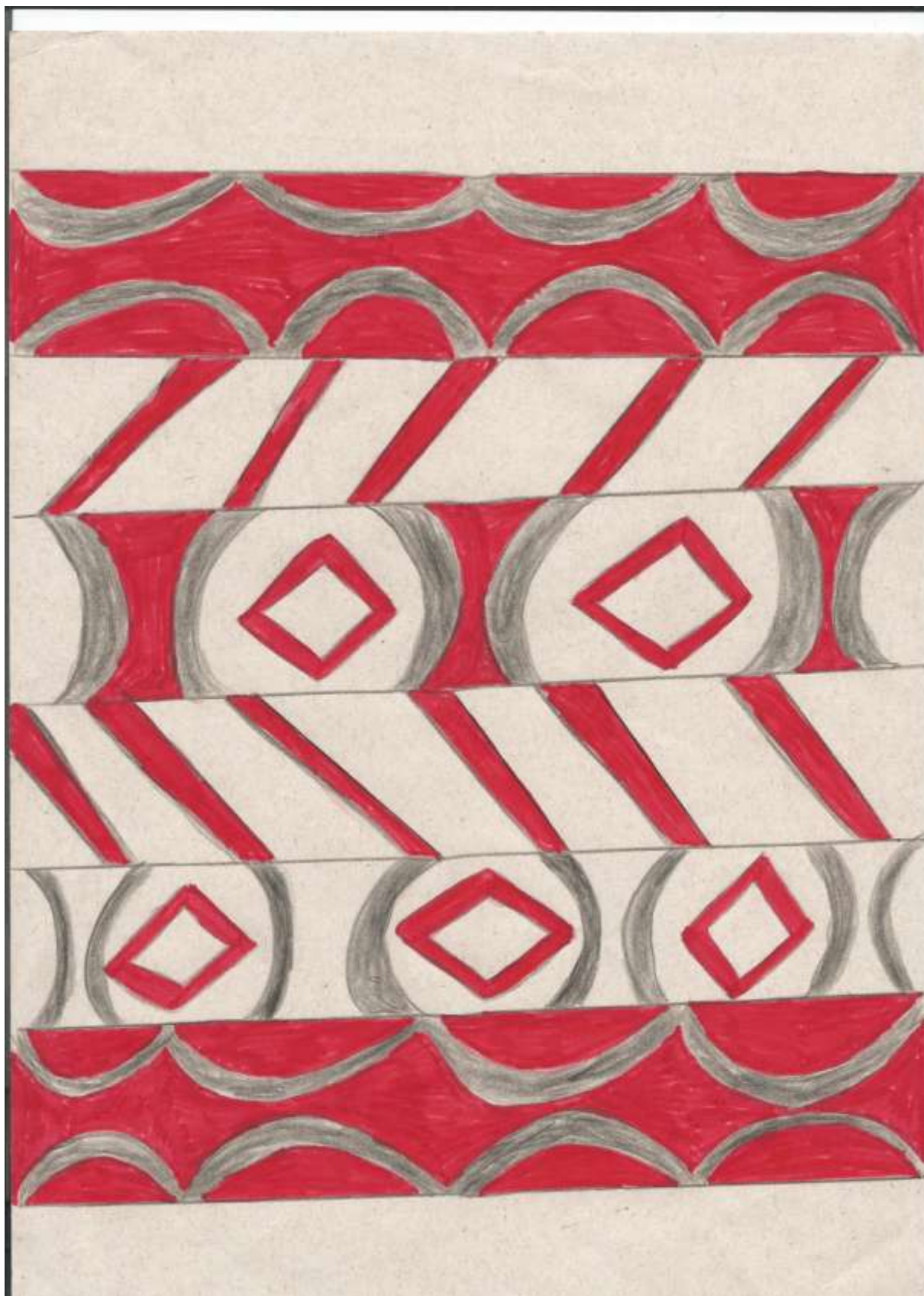
Os homens que vieram do croá, também, têm sementes na cabeça, devem cuidar do seu corpo para cantar a noite inteira para não errar a música. Devem se resguardar para cantar a noite toda e não esquecer. Não é todo homem que faz isso.



Os homens *mehi* estão divididos em dois grupos que marcam as duas estações, da chuva e da seca. Há o grupo dos *catamjê*, da chuva, e dos *wakamjê*, da seca, e há uma divisão dos resguardos, dos cuidados que esses homens devem manter com seus corpos. Eles se reúnem no pátio para se programarem nas atividades que irão realizar ao longo de cada estação. Eles estão decidindo sobre como fazer e manter o resguardo.

Isso faz parte da memória, que deve ser vivida nas atividades ao longo das estações e que marcam o corpo dos homens. Cada planejamento é marcado por preparações que se relacionam com os resguardos. Os *wakamjê* fazem o resguardo do verão/seca relacionado com as atividades que serão desenvolvidas na estação seca como a caça, a pesca, a roça. Por exemplo, quando vão para o mato, se chover, os *catamjê* não saem da chuva, não podem se abrigar. Por sua vez, os *wakamjê* devem ficar no sol, não devem ir para a sombra no verão. Aqueles homens que são do verão devem ficar no sol e os homens da chuva, devem ficar na chuva.

Há uma memória que deve ser vivida e marcada no corpo sobre cada metade, sobre como realizar as atividades, quais atividades, quais pinturas devem usar. Tudo isso está na memória.



Pintura dos *Catamjê* é usada na festa do *Catamti*, o miolo da tora de buriti, usada na corrida de tora é pintado com esse grafismo, com carvão.



As meninas fazem o resguardo para serem corredoras, para serem forte. Quando estão se preparando para serem corredoras, elas devem treinar, devem usar remédios do cerrado para terem uma vista boa e terem a memória. Força e memória são os motivos para se fazer este resguardo. Elas devem acordar cedo, cinco horas da manhã, devem correr, passar folha no corpo, tomar banho. Elas, ainda, não menstruaram ou já menstruaram e estão envolvidas na corrida, estão cuidando do corpo, do jeito de ser mulher *mehi*. A corrida e tudo o que envolve é um cuidado do corpo feminino e ter memória.



A avó concentra a memória nela e ela tem um cuidado com a menina, ela tem que ensina, aconselhar e como a menina deve fazer os cuidados com seu corpo, para ser corredora, para ter a vista boa, para ter memória. Ela fala dos resguardos da menina. Deve-se pegar uma cabaça, partir ao meio e dar para a menina bebe água, somente ela, ninguém pode beber na cabaça dela, a menina deve saber cuidar da sua cabaça.



Essa é a fase final do ritual de iniciação da menina e do menino, a menina finalizou o resguardo da primeira menstruação. Estão em uma nova fase da vida e eles já podem começar a namorar. E, para dar início a esta nova fase, eles devem passar por este resguardo, estão passando para outra fase. Eles precisam pintar o corpo porque isso faz com que eles cresçam e guardem a memória desta transformação no corpo. O menino também passou um ano realizando o resguardo, ele será um cantor e, neste momento, está sendo marcada uma nova fase na vida desse menino e menina. Os panos que os envolvem serão ofertados.



O menino está tomando o banho, retirando as pinturas, agora, ele será um rapaz. Ele será novamente pintado assim, quando tiver seu primeiro filho ou quando morrer. Ele passa a ser um rapaz, pode casar, ter filhos, está transformado. Ele ficou muitos dias, reclusos, cuidando da sua alimentação e, agora, ela se transformou em um rapaz e essa transformação marca no corpo a memória, ela está guardada em seu corpo.



Este homem é o “chamador”, ele convida as pessoas, ele fez resguardo da corrida, fez resguardo para ser “chamador”, ele chama as pessoas, tem essa memória porque ele fez o resguardo da memória, sabe como anunciar as atividades no pátio. Ele anuncia o nascimento da criança, quem é o pai e a mãe, anuncia as atividades dos homens, quando chega visitante.

No pátio pela manhã, todos os dias, os homens combinam, quais atividades irão realizar. O pátio da aldeia é o local onde as coisas são planejadas, onde se tem notícia de onde se vai, para onde se vai trabalhar. Toda atividade do dia é planejada no pátio. Lá são anunciados o que cada pessoa está fazendo, os resguardos são compartilhados e as atividades

de uma família. O pátrio é muito importante porque é onde os *mehi* constroem suas vidas, do saber do que irão fazer. O pátrio produz união, a festa, saber sobre os resguardos comparece. Ali tudo é combinado, a festa, o resguardo, a corrida, se a mulher está prestes a ganhar o bebê, se alguém está doente. A memória do povo da aldeia, do cantor, da musica, do chamados; o pátrio envolve tudo, ali acontece tudo.



Os rapazes estão crescendo. O avó e o tio cuidam do resguardo deles. Eles tomam banho com plantas especiais para crescerem rápido. E assim, eles guardam a memória no corpo e se transformam. Só pessoas mais velhas, cuidam do corpo do menino, passam as tintas, fazem o grafismo, passam essências das plantas, cuidam da alimentação para eles crescerem rápido.



Esses meninos estão saindo do resguardo, da cerimônia de iniciação, para virarem rapazes e poderem casar. Depois de serem empenados, são colocados tecidos do resguardo. Esses tecidos serão doados para os visitantes, que vieram acompanhar a festa. Eles serão carregados nos ombros pelos homens que as mulheres, mães e outras, namoraram. Irão desta casa até o pátio. E a memória deste resguardo e sua finalização se corporificam nesses rapazes.



Essas mulheres estão se formando com cantoras e fazem a corrida de tora para terem força. Essa corrida é importante para guardar a memória no corpo dessas jovens, memória do resguardo. Práticas corporais importantes para inserir a memória e se fortalecer.



A memória do cantor do kricape está na semente do croá que guarda em seu corpo. Ele tem esta semente que permite guardar a memória das músicas dos pássaros, da gente, da água, dos animais, das conversas, tudo isso ele guarda. Fez uma transformação no corpo com o resguardo que lhe foi ensinado. .



Festa dos produtores da roça e das divisões dos *mehi*. Para plantar o milho, fazer a roça do milho, os homens devem viver alguns resguardos. Não podem comer tatu, tamanduá, macaco, guariba porque esses animais são fracos para ficarem em pé e o milho não se sustentaria, cairia logo. As mulheres não podem ir à roça no momento do plantio, só os homens. As mulheres podem ir em condições muito especiais, não podem estar menstruada ou vivendo algum resguardo. Os homens plantam sozinhos para que a planta fique forte, devem se preparar para plantar, não podem comer assado no moquéim, somente na brasa. Devem fazer remédio do cerrado para banhar a roça inteira, quando fazem isso, devem conversar com as plantas para elas crescerem, devem falar que irão fazer festa. Eles devem cantar e fazer uma música da roça para as plantas ficarem felizes. Para isso, há os resguardos da alimentação do cuidado com o corpo.

Uma mulher ou menina faz o resguardo na festa, ela fica escondida, só aparece no momento da cantoria.

Há uma troca de mulheres entre as metades, os homens irão fazer a colheita com as mulheres da metade oposta. Coletam cana, milho, batata, macaxeira. Amarram tudo com palha de bacaba em forma de feixe.

Cantam a noite inteira, saem para o pátio, as metades correm e colocam em pé os feixes. A mulher ou menina fazendo o resguardo toca nos feixes, aí eles os derrubam e se encerra a festa. Há a entrega dos produtos. Esse plantio e festa da roça são coletivos. Acontece

em uma roça coletiva, não são as roças das famílias. Nas roças da família, os homens cuidam da roça com as mulheres quando não estão menstruadas.





As mulheres mais velhas iniciam um diálogo cerimonial com os homens mais velhos, com os pajés, ensinando como deve ser feita a guarda da música e a apresentação. As pessoas ficam ouvindo, ele está fazendo uma homenagem à festa do que está acontecendo, está explicando a alegria e como deve ser feito.

A mulher responde, e participa desta fala, responde ao pajé. Isso acontece na finalização das festas.



Quando o cantor está em ação, duas mulheres auxiliam-no nos cantos, eles estão reunidos cantando. As mulheres ajudam, caso ele esqueça. Em alguns momentos, de algumas músicas, todos cantam juntos. Isso acontece principalmente a noite, no pátio.

Outras músicas somente os cantores e cantoras sabem. Eles têm memória para tê-la, eles usam sangue de animal, usam folhas de uma planta do cerrado, lavam a cabeça bem. Depois usam penas de papagaio para limpar o ouvido, não se usa algodão. Assim, eles guardam e não perdem a memória. O resguardo da memória do cantor é difícil de ser feito por isso há poucos cantores.



A cabaça guarda semente para dar mais cabaça. Esta senhora está ensinando a outra, o cantor também está aprendendo.

Os maracás são usados pelos pajés. O maracá tem muita semente dentro ele, cada semente semente tem uma musica guardada, cada uma é alegria, ajudar o povo. Cada semente diz algo, para ficar alegre ou para ficar juntos. Quando chacoalha está chamando as mulheres, homens, crianças e velhos para ir ao pátio, para fazer um cântico, contar uma história, ficar lá, olha para as estrelas, procurando a música. O canto é dos animais, das plantas, não prejudica ninguém a natureza. A natureza fica feliz com isso, com este trabalho que a gente faz. Esse maracá é muito importante, ele reúne pessoas da memória boa.



O cantor com essa memória linda, maravilhosa, ele se enfeita. Estava com muita saudade de cantar, com receio de morrer novo. A memória dele é este maracá junto com a cabeça, isso ele aprendeu. Fez o resguardo para ter essas músicas nele.



Mulher mais velha está nesta roda, no terreiro da casa, explicando o resguardo das meninas, como deve ser feito. Esta ensinando como aprendeu e sobre alguns cantos. Neste momento a memória da conversa, das mulheres explicando, acontece. Elas conversam e as mulheres jovens e meninas ficam escutando e aprendendo.



Mulheres *hõxwa* fazem o movimento com a mão, pé. Falam por meio de gestos, do movimento do corpo. As pessoas devem olhar o movimento da memória silenciosa. Na festa da batata, elas aparecem sem falar, só com gesto, movimento do corpo e sabem o que estão fazendo. Fazem coisas engraçadas, as pessoas observam e tentam adivinhar o que elas estão falando, todos riem. Elas também fazem coisas que as pessoas pedem. Elas aparecem no final da chuva e início da seca, em abril ou junho somente. Elas não podem quebrar as regras sobre como agir, quando aparecer, pois trata-se de um morto. Os pajés conversam com esses mortos e falam da festa e que os *hõxwa* devem aparecer e eles não podem mexer.



As cestarias guardam uma memória. Sol deixou a mulher com o corpo para carregar as coisas e os cestos são usados no corpo da mulher para carregar. Sol ensinou a fazer o cesto. Há cestos no formato do desenho da casca do tatu. Isso está na memória, por isso, esta mulher da foto aprendeu a fazer o cesto.

A memória sobre este fazer é repassado e algumas pessoa sabem fazer o cesto, aquelas que tem a memória boa, consegue fazer o cesto. Quando a pessoa vive o resguardo direito, ela sabe fazer este cesto, deve seguir os resguardos ao longo da vida da mulher para ela ter essa memória.

Mulher-cabaça, renovação da vida

Sol ensinou à mulher-cabaça que para fazer os resguardos e finalizar o resguardos, elas devem fazer uso de raízes, cascas, folhas de plantas do cerrado. É uma sabedoria feminina, a mulher mantém as práticas de resguardo e cuidados com o corpo vivos na aldeia, elas têm essa memória. Elas sabem qual alimento deve ser usado, como deve ser comido. Todo o processo de iniciar o resguardo, vivê-lo ao longo do tempo e finalizá-lo tem o intuito de produzir uma renovação na comunidade e na vida da pessoa. A pessoa passa a ter outro corpo capaz de viver e fazer outras coisas.

Assim, renova-se a vida da mulher, do homem, da menina, do menino, de todos. Por exemplo, a mulher depois de ter o primeiro filho, ela inicia um conjunto de resguardos, quando finaliza, ela estará forte, pois não adoeceu e nem a criança e, agora, está renovada, para se alimentar de outras coisas, usar folhas em seu corpo que não irão prejudicá-la ou o bebê, ela poderá se tornar uma corredora. A vida se renova, ela sai da casa e alcança o pátio e se envolve em outras atividades.

Os homens, também, entram em um nova vida, renovada, após terem realizados o resguardo do primeiro filho. Agora, quem mantém o resguardos, as tranformações das pessoas e a renovação da vida na comunidade é a mulher. A mulher organiza para os homens viverem o resguardo, finalizarem e renovarem suas vidas e da comunidade, o movimento da aldeia acontece. As mulheres *mehi* aprenderam com as mulheres-cabaças a serem orientadoras dos homens.



A mulher renova sua vida e da comunidade ao finalizar o resguardo do primeiro filho. Ela irá retomar o movimento da casa e continuará com as atividades dentro da casa, na roça de sua família.





Os jovens que seguem algum tipo de resguardo realizam este movimento, abraçados, reunidos, porque eles têm a força nas pernas, no corpo e na memória. Fazem esta roda para demonstrarem que estão firmes no resguardo, estão fortalecidos. Aqueles que não fizeram o resguardo direito não entram nesta roda. Eles estão fortalecidos, entram nela porque seguiram firmes na realização dos resguardos. Os jovens, que não seguem os resguardos, não aguentam manter este movimento por duas horas. Buscam ter a perna forte, para pular, sem cair, sem desmaiar. Para tanto, além desse movimento, usam as plantas medicinais dos *mehi*. Tomam banho cedo e usam as plantas do cerrado. Cantam e fortalecem a memória, dançam e fortalecem o corpo. As mulheres-cabaça e os homens-croá estão reunidos, renovando a vida da comunidade. Neste momento, estão finalizando os resguardos, nesta festa, assim, eles cantam, dançam. É uma alegria e renovação da vida.



Toda renovação é marcada por festa e alimentos que serão consumidos coletivamente. O paparuto entre novamente em cena.



As mulheres estão fazendo o paparuto e tomam o cuidado na festa que marca a renovação , pois várias pessoas que estão finalizando resguardo e renovando a vida por qualquer motivo irão se alimentar dele.



Além do paparuto, outras comidas devem ser feitas para aqueles que estão preparando a festa, que irão renovar a vida e para as senhoras que estão preparando o paparuto. As mulheres se dividem na produção dessa comida para todas e todos e na preparação da comida cerimonial, o paparuto.



A produção deste alimento acontece nas festas de renovação, ele é diferente do papaturo, ele é distribuído em bacias que serão dadas para o cada grupo se alimentar. Cada bacia será dada para um grupo de mulheres velhas, de meninas, de meninos, de jovens mulheres. As mãos e os alimentos não podem se misturar entre os grupos. Cada bacia será dada a um grupo, cada um tem seu jeito de organizar, de viver e de se resguardar. Este é o resguardo da alimentação ninuém usa do outro.



Este almoço é feito, especialmente, para as mulheres que estão preparando a festa, elas irão preparar o paparuto. Todos que estão reunidos na aldeia recebem o alimento e comem em grupos de comensais. Inicia-se a preparação do paparuto que marca a festa de renovação.



As mulheres cortaram o cabelo e estão renovando o viver e estão se pintando com pó de leite, urucum e jenipapo. Elas estão reunidas para viverem a renovação da vida.



As mulheres velhas estão se organizando para fazer o paparuto junto com elas estão outras mulheres para aprenderem. Ensinam como deve ser organizar a embira. Uma dessas senhoras faleceu e ela está aqui, na foto, passando seu conhecimento.



A preparação do paparatu continua. Elas ensinam como a embira é importante, elas estão ensinando como fazer e outras mulheres ficam olhando e aprendendo. Para mexer na embira, deve ser feito um resguardo para tocar na embira e ter esse conhecimento. Devem ter muito cuidado, fazem este trabalho devagar com zelo.



Organizam os feixes da palha que será usada no paparuto, não pode ficar jogado na aldeia. Elas fazem isso com cuidado e sabedoria por meio de suas mãos sábias que cuidam do que será usado no alimento de pessoas que estão finalizando o resguardo e renovando a vida. Os feixes são abertos e serão encaminhados para o centro onde estão as embiras.



O paparuto continua a ser feito. As mulheres cautelosamente e silenciosamente trabalham na distribuição da massa e da carne. Não pode sobrar nada.





E o cuidado da mão que as mulheres velhas têm, fizeram de suas mãos, passa a ser trabalhado agora.



Elas estão fechando as palhas com muito cuidado. Os homens mais velhos irão ajudar com sabedoria deles.



Será amarrada a embira ao redor das folhas. E o paparuto será encaminhado para o moquéu onde será assado. Toda a movimentação desta comida, marca a renovação da vida mantida pelos velhos. Os jovens ficam observando o movimento dessas mulheres. As mulheres mais velhas sabe como o alimento gosta de ser feito, elas sabem fazer a marcação, o jeito de dispor a comida.

As mãos das mulheres têm outra porção dela como um duplo que pode esquentar enquanto esse alimento é feito e as mulheres podem passar mal. No entanto, as mulheres mais velhas têm as mãos protegidas e elas não sentem a dor.

Elas devem fazer bem feito o pacote, não deixar cair massa ao lado ou por algum buraco na palha, pois, caso contrário, elas terão que pagar com o cabelo delas, os homens irão cortar o cabelo delas. Se isso acontecer é porque elas não fizeram o resguardo bem feito.



O moquéim está pronto, elas conversam com as pedras em brasa, conversam com o fogo para que eles não as deixem passar vergonha. Elas querem mostrar que aprenderam com as mestras delas. Elas mostram que fizeram o resguardo bem feito.



Essas duas mulheres aguardam o fogo pegar, elas irão cavar e pegar uma terra para colocar no paparuto.



Essas mulheres mais velhas, acompanhadas dessas meninas, foram pegar palhas para colocar em cima do paparuto.



As palhas e terra foram colocadas em cima do moquém.



O paparuto já está assado, elas retiram as palhas que estão em cima. As pessoas estão reunidas observando, aguardando para saber se poderão comer. Aqueles que estão fazendo qualquer tipo de resguardo não poderão comer.

esguardo da renovação da família, a pessoa morreu, fizeram o luto e, agora, é o momento de viver o resguardo da renovação.

Esta corrida de tora é uma corrida da renovação, finaliza o luto e, agora, inicia nova vida para a família. A corrida, a pintura, corte do cabelo são práticas de renovação, retorno a vida da família do morto. Elas se inserem em outros resguardos como o de corredoras.



As toras de buriti estão dispostas como o morto, elas foram mortas para marcar a alegria e renovação da família do morto. Finalização no pátio para todos verem que todos os membros da família do morto estão preparados para viverem outros resguardos.



As toras usadas na corrida retornam para a casa das pessoas que a cortaram. O movimento da comunidade, da família e das pessoas continua com os resguardos finalizados que permitem o início de outros. Assim, não há fim ou começo, mas momentos de constante renovação.

Mulher-cabaça, ensinando os homens

Sol ensinou as mulheres a fazerem os resguardos, elas aprenderam como deveriam se cuidar. Primeiro, aprenderam como controlar o sangue que flui, na menstruação e na gestão. Aprenderam a cuidar desse sangue, o que significa restabelecer seu corpo, após parir o primeiro filho. Assim, as mulheres passaram a viver a renovação que é marcada pela inserção em uma nova vida e na prática de outros resguardos. Aprenderam a cuidar dos mortos, manter a convivência na família, na comunidade e com os visitantes de outras comunidades. Aprenderam com Sol sobre o resguardo da memória, o qual está nas mãos, na música, na pintura, nas histórias. Essas mulheres-cabaças aprenderam com Sol e foram repassando esse conhecimento entre elas. Semelhante à rama das cabaças que as reúne, esse conhecimento circula e reúne as mulheres *mehi* até chegar aos dias atuais. São saberes e jeitos de viver das mulheres que mantêm o movimento da vida *mehi*.

Agora, sobre os resguardos que os homens devem viver para se aperfeiçoarem como *mehi* e se transformarem, alcançando variados modos e jeitos de ser *mehi*. Sol ensinou para as mulheres-cabaças e elas repassaram para os seus filhos e os homens-croás. Envolvidos na rama que os relacionam entre si, esses homens compartilharam esse conhecimento.

Alguns homens serão cantores, outros corredores e outros pajés, para cada um deles um corpo e uma memória devem ser construídos ou moldados. O cantor deve ter a memória cheia de músicas antigas que aprenderam com as mulheres-cabaças, que aprenderam com o Sol. Esse conhecimento foi sendo repassado para os outros homens. O cantor deve guardar todas essas músicas em seu corpo. Por sua vez, o pajé não canta, pois não pode ter a memória cheia, mas deve tê-la limpa, sem preocupação. Deve realizar um resguardo que o prepare para ouvir as plantas, os animais, os mortos. Deve estar atento à comunidade, às casas, ao ritmo da aldeia, da vida e das pessoas. Deve ficar observando, ouvindo os sons e o movimento da aldeia, da mata. O pajé trabalha com a medicina *mehi* que está relacionada com esse ritmo de várias dimensões que ele deve saber escutar. O pajé vê e conversa com as folhas e ensina para os jovens como usá-las para o fortalecimento da perna e do corpo. Pela manhã, os homens devem ir cedo ao rio levando as folhas. O pajé observa e vê quem está bem e quem está mal e faz uso das plantas para restaurar a força; para fazer correr. Nesse momento, os homens devem evitar ficar perto de mulheres menstruadas, pois elas enfraquecem a energia deles. Este momento de resguardo está centrado no uso das plantas e árvores do cerrado. A saúde do homem se concentra neste momento quando ele se faz *mehi*, se cuida para poder ser corredor e guarda no corpo da memória de ser *mehi*. Os pajés conversam com as plantas e com os bichos e esses indicam quais remédios utilizar. O resguardo do corpo e da memória dos homens *mehi* é organizado pelo pajé. Todos os *mehi* devem ter a marca do resguardo em seu corpo, isso mantém a vida *mehi*.

Sobre os resguardos dos pajés, Sol ensinou para o primeiro pajé o quê e como deveria fazer.

O primeiro pajé que surgiu, aprendeu com o Sol¹ sobre os resguardos que ele deveria seguir para se tornar um pajé. Um *mehi* ficou doente, deitado, entrou uma formiga no ouvido do *Tyrkrýn*, ele ficou muito tempo doente. Um dia todos foram embora, ele ficou sozinho, todos mudaram. A mulher dele estava construindo uma casa nessa outra aldeia. Mas, ela estava o enganando e traindo, pois ela não estava construindo a casa, mas ia namorar. O urubu veio e viu o *mehi* deitado e perguntou o que ele tinha. O *mehi* respondeu que estava doente que seu ouvido estava doente. Vieram mais urubus, dois tipos de urubus, um grande e um pequeno. Eles iam tirar ele de lá, vieram os urubus grandes, se reuniram e o colocaram em cima deles, mas eles eram fracos. Eles eram grandes, mas eram fracos. Os urubus pequenos

¹ Aqui, nesta narrativa que os velhos me contaram, foi Sol quem ensinou o conhecimento do pajé e não o gavião como é encontrado em outros trabalhos sobre os Krahô.

juntaram com dois gaviões, fizeram uma fila, colocaram ele encima e conseguiram voar. Assim, eles o levaram para o céu. Os urubus grandes ficaram embaixo, fizeram outra camada para ajudar. No céu, o *mehi* conheceu Sol, conheceu a estrela cadente, maribondo, todos que viviam no céu. Sol falou para ele olhar para a terra. Ele olhou a aldeia. Sol perguntou se ele queria ver a mulher dele plantando na roça, ele disse que sim, mas acabou vendo sua mulher namorando. A visão do *mehi* havia mudado, não era mais a mesma, ele estava vendo diferente. Sol falou que iria curá-lo e que, agora, ele poderia conversar com todos os bichos. Sol disse que ele iria virar pajé, para tanto, ele teria que comer só coisa crua, carne e plantas. Sol fechou a porta e ele não viu mais nada, mas o pajé virou gavião e urubu. Assim, ele desceu, voando, gritando. Voou sobre a aldeia, viu todos, ninguém sabia que era ele. Ele estava vendo de um jeito diferente, estava com uma visão que ninguém tem, diferente. Ele não podia comer nada assado, só cru, se comesse assado, sua cabeça iria ficar pesada. Ele aprendeu seus resguardos com Sol, o que comer e como comer. Ninguém sabia que ele estava de resguardo, que ele era um pajé, ele virava formigão e picava as pessoas, ele virava cobra e mordida as pessoas, depois ele curava as pessoas. Ele estava testando se podia curar as pessoas. Ele aprendeu a usar as plantas de cerrado com Sol. Sol falava com ele qual a planta que ele deveria usar. Aí, ele foi curando as pessoas e foi aprendendo. Hoje, as pessoas que querem ser pajé só podem comer cru, elas ficam doentes, também. Ninguém sabe quando uma pessoa está fazendo resguardo para ser pajé. Quando a pessoa estiver pronta para ser pajé, ela fica doente, fica quieta, dentro de casa,, não sai para fora. Ele não quer ninguém saiba que ele está virando. É difícil saber quem está fazendo resguardo para ser pajé. Os resguardos que devem ser feitos para ser um pajé foi ensinado pelo Sol e os bichos.



Semelhante às mulheres, os resguardos dos homens são muitos, além de viverem ao longo da vida uma série de cuidados com o corpo que devem ser seguidos - quando viram rapazes, têm o primeiro filho e os filhos seguintes, envelhecem e morrem -, eles fazem resguardos quando decidem se tornarem cantores, chamadores, pajés e outros. Os homens *mehi* podem ser “cantores” - “cantores do pátio”, “cantores da noite”, “cantores da volta da aldeia”, “cantores da caçada”, “cantores do buriti”-, “chamadores”, “mensageiros”, “caçadores”, “corredores”, “aqueles que fazem massagens para dor” e “pajés”.

O cantor do pátio, por exemplo, canta em todos os lugares da aldeia. Ela canta na cerimônia funerária, ao final do luto, nas festas quando há a preparação do paparuto (*Kwyrtti*), *Párcaper* (festa quando corta o buriti, canta a noite toda e há a corrida, é uma festa comunitária, quando não há despesa para uma família específica, é uma festa de menor dimensões, não há nenhum resguardo sendo comemorado), *Párcahhàc* (festa realizada ao final do resguardo do luto, uma família organiza a festa e convida a comunidade), *Ahpynre* (festa comunitária, não há resguardo sendo finalizado e nenhuma família é responsável especificamente; há uma corrida de tora e as pessoas que se relacionam e correm juntas compartilham alimento entre si), *Kentuwejê* (festa que os homens fazem para as mulheres fazerem artesanatos, quando finaliza, esses artesanatos são ofertados), *Jàt hôpjr* (festa da batata onde há um dono, aquele que plantou mais batata irá ser o responsável pela festa com o apoio da comunidade, nesta festa da batata são realizados os compromissos de casamento dos filhos entre as famílias) e *Cahtytti* (quando dois meninos são colocados dentro de uma casa, ao longo de um ano, ficam isolados, recebendo comida dentro dessa, ao final de um ano há a festa para finalizar o resguardo).

O menino cresce e conversa com seus pais sobre o que ele quer ser, a partir deste momento, iniciam-se os cuidados com seu corpo.



Os meninos crescerão fortes, alegres e saudáveis, se a mãe e o pai seguirem os resguardos. Os cuidados com o corpo da mãe e o cuidado dela com o corpo da criança é importante para a criança crescer falando, vendo bem, correndo. Os pais e avós devem observar os cuidados que as crianças devem seguir e orientá-los.



As corridas de tora são importantes momentos de demonstração da força do resguardo e dos cuidados com o corpo que os homens vivem. Toda a aldeia e convidados se reúnem em uma demonstração de força. Na corrida de tora, a convivência da força acontece. Corredores, homens e mulheres se reúnem. Todos saberão quem são os bons corredores, quem são aqueles que conseguiram realizar a corrida, quem são aqueles que tiveram força. Os resguardos para ser um corredor fazem com que a pessoa tenha um corpo forte e uma boa visão.



O homem pode ficar sem fazer nenhum resguardo, assim, ele está liberado para fazer algumas atividades como cortar lenha. Todo homem que tem filho, ele vive um cuidado com seu corpo para que seu filho não adoça. O homem que não faz resguardo para a memória ou para ser corredor ou para o seu filho pode cortar lenha.



Quando finalizam algum resguardo, acontece uma festa. As pessoas comem paparuto, se pintam e cortam o cabelo. As pinturas devem representar a metade a que a pessoa pertence, se é *catamjê* ou *wakamjê*.

Nesta foto, o homem da metade *catamjê*, que tem as listras vermelhas na vertical, está finalizando o resguardo de cantor. Ele quer ser cantor da noite, deve guardar na memória do seu corpo os cantos da noite. O homem com as listras vermelhas na horizontal é da metade *wakamjê* e está fazendo resguardo para ser corredor, para ter força e uma boa visão.

Ambos devem conhecer as plantas ou remédios do cerrado que devem passar em seus corpos para terem as habilidades de cantor e corredor.



Enquanto as meninas compartilham conhecimento com as mulheres velhas reunidas desenvolvendo alguma atividade no pátio das casas, na roça ou no cerrado. Os meninos seguem para o mato para se tornarem caçadores e conhecerem o cerrado. Os meninos que querem ser caçador irão seguir determinadas restrições alimentares e outros cuidados com o corpo. Os caçadores ensinam sobre o uso de duas armas perigosas, a espingarda e o arco, uma faz barulho e a outra não, uma é rápida e a outra lenta.

No cerrado, há muita coisa a ser ensinada, especialmente, sobre a medicina do cerrado para fazer o resguardo de caçador. Eles estão aprendendo como caçar ema e veado. Estão aprendendo como usar a mata, as folhas de pati.



Os homens estão ensinando aos meninos como se comunicarem, alguns ficam bem distantes fazendo barulho e eles devem ouvir e discernir os gritos e barulhos que estão sendo feitos.



Os meninos estão se preparando para serem caçadores da ema e do veado.

Os caçadores devem saber reconhecer os barulhos que os grupos de homens mais distantes fazem, nas primeiras saídas na mata. Nesta primeira excursão, os meninos sentem dificuldade de entender e discernir, eles ficam envergonhados, devem fazer isso mais vezes. Para serem caçadores, os meninos devem conhecer o cerrado, as plantas medicinais, como se locomover e comunicar.



O cerrado é muito usado pelos *mehi*. Há remédios, casca de pau, folhas, para curar, uns para curar, outro pra ajudar o corpo, outro para a memória, outro para ser corredor. As lenhas que já estão secas são encontradas no cerrado e levadas para os velhos acender fogo, se aquecer. Tudo isso encontrado no cerrado é vida para os *mehi*. As mulheres também aprendem sobre o uso de muitas plantas. As roças feitas em terrenos de mata ciliar, aproximam essas mulheres dessa mata de onde retiram plantas que são usadas na pele.



A festa milho do é um momento importante de participação dos homens. Esta é chegada da roça coletiva. Há as roças de cada família e uma roça coletiva. Essa ida à roça coletiva é cerimonial. Para ir a esta roça, houve uma “troca das mulheres”, os homens de uma metade foram para a roça fazer colheita com as mulheres dos homens da outra metade. No retorno, eles trazem vários produtos e, também, os remédios para fazerem ao final da tarde, quando forem tomar banho, para retirarem qualquer mal que pegaram quando estavam no mato. Eles irão limpar o corpo das meninas e meninos.



Eles dispõem os alimentos que pegaram na roça no pátio. Agora, eles perguntam para os mais velhos como se alimentar, se podem ou não se alimentar do que colheram e como dividir os produtos.



No retorno da roça, as mulheres estão procurando, no cerrado, remédios. Este é para não engravidar. As roças são como uma parente/mãe em sua casa, ela guarda as coisas para os *mehi*. Cada família tem uma roça. Para abrir a roça, todos ajudam e como retribuição comem juntos. Para fazer a roça, primeiro, devem “roçar”, ou seja, limpar os pequenos e deixar os grandes. Em seguida, derrubam com machado árvores mais grossas na área escolhida. Em três meses, colocam fogo e depois de uma semana reúnem os tocos de madeira queimados e colocam fogo nos montes. Depois de uma semana, começam a plantar. Plantam mandioca, arroz, milho, cana, abacaxi, batata, banana. Mulheres, homens e os filhos plantam. As mulheres organizam e escolhem os lugares onde plantar.



A roça coletiva tem arroz, milho, mandioca. O arroz está maduro e o milho também. A sabedoria do pajé é importante, neste momento, ele está com as pessoas no meio da roça dizendo o que pode ou não pode pegar na roça.



Na roça, o pajé analisa o que se pode ou não pegar. Ele observa o movimento da roça, presta atenção, e conversa com as plantas. Ninguém percebe que ele está conversando com as plantas. Ele prepara as pessoas para entrarem na roça, ela pega umas folhinhas e as bate nas pernas das pessoas para que a cobra não mexa nem morda ninguém. Ele é o primeiro a entrar na roça e, em seguida, ele autoriza os outros a entrarem. Para a pessoa entrar na roça tem que fazer resguardo também.



O pajé orienta como as pessoas devem agir na roça. Elas devem andar com cuidado. Após, ver o movimento da roça e conversar com as plantas, ele libera as pessoas para entrarem, pois não há nada para fazer o mal. Esses são os cuidados que o pajé deve ter com a roça para que ela não faça mal às pessoas, não tenha coisas ruins.



Os homens e as mulheres continuam na roça, com os pajés, procurando batata para as mulheres colherem.



Festa do milho, colheita na roça coletiva.



Nesta colheita do milho (*Amjekin Pohypre*), haverá uma festa, muitos resguardos estão sendo finalizados. Para preparar esta roça, os homens entram na roça e cantam o dia inteiro, levam tudo que precisam para plantar ao longo de um tempo eles preparam a roça. No dia da colheita, os pajés orientam sobre a colheita e a entrada na roça, os homens vão acompanhados pelas mulheres da metade oposta.

Retornam com os alimentos e fazem os feixes de produtos colhidos. Eles são colocados em pé no pátio da aldeia.



Este pajé mostra o que foi coletado na roça e o feixe de alimentos. Ele mostrou o que podia e não podia ser coletado.



Os pajés participam ativamente da colheita. Sentam, observando o movimento da aldeia, estão vendo se o pessoal está fazendo a limpeza da aldeia, os resguardos, seguindo corretamente a ética da caça, onde as pessoas fazem xixi. Após observarem, eles saberão qual o melhor remédio para fazer a limpeza no corpo da pessoa.



Os pajés devem acordar cedo para tomar banho de rio. Esses três pajés estão retornando do rio. Eles foram tomar banho cedo, fizeram remédios do mato para correr e para realizar uma caçada. Um deles ensinou como fazer.



Esses pajés retornam do rio, também. Eles foram olhar se está tudo bem, se o pessoal pode banhar ou não, se tem alguma coisa que pode fazer mal. Caso eles encontrem algum problema, irão fazer os remédios necessários. Eles vigiam os caminhos, o rio, para que nada de ruim aconteça com as pessoas. Eles conversam com os animais, mortos e plantas. Após o retorno deles, as pessoas perguntam se podem ir ao rio. É assim que o pajé faz na aldeia.



Os pajés seguem seus resguardos com muito cuidado e rigidez. Mostram a sua força ao correr com a tora. Sabem como se cuidar e fortalecer por meio do uso de plantas medicinais. Sabem fazer uso da medicina do cerrado, sabem muito mais do que outras pessoas.



Os pajés sentados no pátio, observam se está tudo bem. Em dias de festa, eles ficam analisando o movimentos das pessoas, dos animais, das plantas, das criaturas da floresta e dos mortos. Eles controlam e conversam com essas criaturas para que tudo ocorra bem na festa. Eles, também, analisam os resguardos, cuidam para que as coisas se restabeleçam caso alguém cometa algum erro. Esses homens vivem um conjunto de resguardos especiais, eles têm um memória diferente para cuidar da saúde das pessoas, da comunidade. Cada pajé terá um olhar diferente, cada um fez o seu resguardo e o viveu de maneira distinta.



Esse velho pajé, Seu Olegário, *Tejapoc*, faleceu em março de 2017. Ele me explicou muito sobre os resguardos dos homens, que vieram do croá até chegar nos krahô dos dias atuais. Ele me explicou que cada resguardo produz corpos distintos, visões diferentes, assim, há resguardos da visão para caçada; resguardo para ouvir. Em um dos resguardos para apurar o ouvido, deve-se usar pena de pássaros para ouvir bem e entender o que está passando. Ele me explicou muitas coisas sobre os resguardos do ouvido e do olhar.



Este cantor faz resguardo da memória até hoje. Para se transformar em cantor, ele usou muito remédio do mato, tomou muitos banhos de essências, de folhas. Seus resguardos foram iniciados ainda quando era criança e permanece. Com relação à alimentação, ele não pode comer cabeça de caça e nem cabeça de peixe. Ele continua seus resguardos para não esquecer as músicas que aprendeu com outros que já morreram.



Grupo de velhos (*mekoré*) reunidos que sabem das coisas. São pajé, cantor da memória, chamador, outro canta no *Wythy*, outro no *krinkapé* com *cotoj* (maracá). São vários especialistas que ensinam os jovens o que devem fazer; os aprendizados dos saberes estão aqui. Nessa reunião dos velhos, os aprendizes dos saberes devem estar próximos a eles para aprender.



Este é um mensageiro, contador de histórias antigas, dos *mehin* mais antigos quando vieram os *mankraré*, *kukoikamekra*, *panrékamekra*. Ela conta as histórias dos antigos, dos vários povos que vieram juntos até chegar neste momento. Ele não é cantor, mas é um mensageiro. Ele ouve os avisos que os *mehi* dão ao longe e vai a pátio avisar.

O massacre dos Krahô



Após tratar sobre os resguardos que ocupam a vida dos *mehi* e marcam o movimento da aldeia. Irei finalizar este trabalho com a presença dos *cupen* em nossas vidas, que as marcaram de forma violenta. Primeiro foram massacres, extermínios que vivemos, depois foi a maneira como foram implementadas determinadas políticas públicas que acabam dando continuidade a este extermínio.

Esta é minha avó, sobrevivente de um massacre ocorrido em 1940, feito pelos não-indígenas, fazendeiros, que mataram vários Krahô. Ao longo do tempo desde o contato inicial, foram mortos mais de 4.000 pessoas. Nós éramos cinco mil pessoas, após, este massacre e outros concatenados, anteriormente, restaram 300.

Agora, eu irei falar de Krahô, irei me referir ao meu povo como Krahão, na língua dos *cupen* (não-indígenas), como eles nos denominam. Nós somos da tribo *Mãkrarè*, vivíamos em uma aldeia enorme, maior que a cidade de Carolina. Esse povo se espalhou e cada um levou seu nome, *Mãkrarè*, *Kukoikamekra*, *Panrékamekra*, eram vários que se espalharam, cada um desses povos atravessou o rio e se espalhou. Dos *Mãkrarè* vieram os krahô, de hoje.

Minha avó tinha 10 anos, quando aconteceu um desses massacres que marcaram a vida do povo Krahô, ela estava lá. Neste dia, as irmãs mais velhas estavam olhando as crianças mais novas em casa enquanto as mulheres estavam na roça. Vieram dois vaqueiros *cupen* e deixaram um boi grande. Os homens krahô estavam caçando para a festa do *Ketuaie*, a finalização do resguardo de três homens, duas mulheres e de várias crianças.

Os *cupen* estavam dando o boi grande, falaram que era para reunirmos todos os Krahô para a festa. O boi era um presente. Nem todos entenderam e alguns não sabiam falar, alguns chamaram os Krahô, vieram muitas pessoas. Os dois *cupen* foram embora. Aí, no final da

tarde, os Krahô mataram o boi. Eram seis horas da tarde, os caçadores chegaram, correram com a tora, tomaram banho. Depois, foram ao pátio cantar. À meia noite, eles escutaram um tiro, as mulheres começaram a perguntar o que era isso, se eram os maridos de algumas delas. Mais tarde, de manhã cedo, escutaram outro tiro e, em seguida, foram vários tiros seguidos, um tiro perto do outro. Chegaram muitos *cupen*, atirando nos Krahô, matando todo mundo, usando facão. E as pessoas começaram a correr para o mato. Eles fizeram um círculo ao redor da aldeia e iam se aproximando atirando e usando o facão, minha avó correu na direção de um *cupen* chamado Corá, que conhecia minha avó. Ela passou com os meninos e ele a viu e falou para ela ir para a capoeira, onde tinha os pés de banana, pois a bala entra no pé de banana e iria esfriar, não iria matá-los. Corá deixou vários Krahô passarem no lado onde ele estava.

Minha avó entrou na capoeira e ficou no meio do bananal. Ficaram escondidos o dia inteirinho, escutando o barulho das balas, dos gritos. Ela estava com três meninos pequenos, estavam chorando baixinho, não sabiam se o pai e a mãe estavam vivos. Depois de um dia, passou um tio dela que a conheceu e perguntou espantado: “Vocês estão aqui, cadê sua mãe?”. Ela falou que não sabia onde estava sua mãe. O tio falou que eles tinham que ir embora. Todos os Krahô, das aldeias próximas, estavam fugindo com medo de novos ataques. Todos estavam indo em direção à serrona, para o “vão do inferno”, um lugar com muitos morros perigosos para se esconderem. Todos se encontravam e fugiam. Ela levou um cesto com o pano para enrolar. Eles ficaram um mês caminhando até chegar neste local, ao longo do caminho, eles ficavam escondidos de dia e caminhavam quando escurecia. Não faziam fogueira, comiam cru, viviam em tocas escondidos, calados, sem fazer barulho porque os brancos estavam caçando eles. Eles tampavam as bocas das crianças pequenas para elas não chorarem. Havia um velho todo cortado de facão, machucado, e ele ficava quieto, não gemia para não serem descobertos. Quando chegaram à serrona, encontrou sua mãe, mas seu pai morreu, lutando no massacre.

Eles se comunicavam por meio de uma cabacinha, que fazia um barulhinho, quando alguém saía, retornava e fazia o barulho para avisar se havia algum perigo. Às vezes, eles voltavam nas aldeias para pegar alguma panela e retornavam para a serrona. Quando eles íam nas aldeias, viam muitas pessoas mortas e sentiam por não terem feito a cerimônia funerária. Alguns fazendeiros passavam em aldeias Krahô mais distantes do ataque e falavam que ali iria acontecer um massacre semelhante, diziam que eles deveriam fugir. Assim, essas terras foram ocupadas por fazendeiros, foi o que aconteceu com a aldeia Pitoro. Os Krahô ficaram muito tempo na serrona.

Um dia, um padre de Pedro Afonso foi até a aldeia de alguns Krahô mais distantes do ataque e pediu para eles irem atrás dos sobreviventes. Esses Krahô entraram em contato com os sobreviventes e falaram para eles retornarem. Eles foram retornando e com a ajuda do Padre reconstruíram outras aldeias, próximas ao local do massacre. Enterraram os mortos, os ossos, o que restou dos corpos. O padre falou que isso não iria acontecer mais, o SPI apareceu e fez a demarcação da Terra Indígena em 1945.

Após esse massacre, os Krahô não finalizaram a festa, ela não terminou, não teve resguardo. A partir deste dia, os resguardos foram deixados de lá. Quase todas as crianças foram mortas e não aconteceram os resguardos. A partir deste momento, nos tornamos Krahô. Esse evento desestruturou os Krahô, dificultou a prática dos resguardos.

A vida foi sendo retomada, mas nunca mais foi a mesma. Os saberes e cuidados com o corpo foram abalados. E isso é muito importante para ser um *mehi*, é preciso ter a memória, força, visão e, principalmente, um cuidado com o corpo, com o sangue, com o filho que nasce e com o velho que morre. Depois deste massacre, tudo mudou, vieram as tecnologias, serviços de saúde e educação que não respeitam o modo de vida dos *mehi*. As pessoas não estão mais interessadas nos resguardos cotidianos que devemos viver.

Consegui reunir essas fotos para contar a história dos resguardos, mas são pequenos momentos que não são vividos mais intensamente por todos. Muitos não estão mais interessados nos resguardos. Como professora, acredito que a escola poderia se adequar e ter o aprendizado dos *cupen*, pois precisamos conhecer esses que nos mataram e nos matam para lutarmos por nossos direitos e contra outros massacres, mas precisamos ser respeitados na nossa educação que acontece quando se vive os resguardos, quando se está no mato com os velhos e velhas. Precisamos ser respeitados como povo, por isso lutamos cotidianamente por nossa sobrevivência respeitosa.